



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE TEATRO
LICENCIATURA EM TEATRO**

NATALYNE PEREIRA DOS SANTOS

**VOZES NO PALCO
DRAMATURGIA COM HISTÓRIAS DA COMUNIDADE DE SÃO BENTO**

Salvador

2015

NATALYNE PEREIRA DOS SANTOS

VOZES NO PALCO

DRAMATURGIA COM HISTÓRIAS DA COMUNIDADE DE SÃO BENTO

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Teatro, pela Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Matos Leão

Salvador
2015

AGRADECIMENTOS

Todas as pessoas que aqui irei citar deram cores ao meu trabalho. As cores têm grande influência psicológica sobre o ser humano, pois são captadas pela visão e transmitidas ao cérebro, assim promovem impulsos e reações em todo o corpo. A cor **branca** revela pureza, sinceridade e verdade; a luz **branca** traz todas as cores, ilumina e transforma. Essa eu dedico a Deus em primeiro lugar e depois aos meus guias espirituais pela permissão e pelas decisões nos momentos de dúvida de qual caminho seguir.

Ao meu orientador professor Dr. Raimundo Matos de Leão, eu dedico a cor **verde**, é uma cor calmante que harmoniza e equilibra. Este que orientou o meu trilhar pelas teorias. Ao meu co-orientador professor Mt. Toni Edson a cor **amarela**, a cor que desperta, que expressa leveza, descontração, otimismo. A professora Dra. Meran Vargens à cor **marrom**, representa a constância, a disciplina, a uniformidade e a observação das regras e ao professor Paulo Alcântara a cor **bege**, promove a sensação de aconchego e conforto. A ambos agradeço pela amizade, dedicação e disponibilidade, sobretudo pela lealdade e confiança.

A minha comunidade eu dedico à cor **laranja**, é a cor do sucesso, da agilidade mental, e da prosperidade. Simboliza encorajamento, estímulo robustez, atração, gentileza, cordialidade, tolerância e prosperidade. É também a cor da comunicação, do calor afetivo, do equilíbrio, da segurança, da confiança. Em especial às crianças que abraçaram o trabalho, aos mais velhos que emprestaram um pouco de suas sabedorias. Se não fosse por esta comunidade, eu não teria tanto estímulo em produzir e chegar a esta etapa da Universidade.

Aos meus amigos e amigas eu dedico a cor **vermelha**, que significa força, virilidade e dinamismo. É uma cor exaltante e essencialmente quente, transbordante de vida e de agitação. Cada um com suas particularidades me impulsionaram nessa etapa de minha vida. Os amigos da Universidade, da comunidade de São Bento, da cidade de São Francisco do Conde, da residência Universitária, os mais íntimos que compartilharam comigo momentos de crises e de tempestade de ideias: Gluison do Carmo, Débora Patrícia, Francislene Sales, Sergio Reis, André Cardoso, Andréia Costa e Rodrigo Chapolin. **A esses também dedico à cor rosa**, que

se relaciona também com o símbolo do coração. Expressa empatia e o companheirismo. Transmite fragilidade e delicadeza, sugerindo feminilidade e afeição.

A minha família, minha origem, a esses a cor **Lilás**, simboliza respeito, dignidade, devoção, piedade, sinceridade, espiritualidade, purificação e transformação. Francisco Paulo dos Santos, Maria da Conceição Pereira, Rogério Pereira dos Santos, Adelmo Pereira dos Santos, Anselmo Pereira dos Santos, Ronaldo Pereira dos Santos, Nataly Pereira dos Santos, Sergio Pereira dos Santos, Naiane Pereira dos Santos e Valdice Barros da Purificação.

A todos os meus fiéis agradecimentos e uma solicitação, não desistam de mim jamais!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência no Bairro São Bento das Lages, localizado na cidade de São Francisco do Conde, tendo como foco a Oralidade - fortalecendo a relação de pertencimento das novas gerações. É um tema que julgo necessário, e que nos últimos tempos vem tomando uma proporção muito significativa na educação doméstica, social e escolar. É entendido e disseminado por alguns teóricos da educação, além da sociedade em geral, abordado no processo de ensino da língua materna, e na relação entre o sujeito e o mundo. Parto da identificação e análise das histórias para uma proposta educativa, cultural e artística por meio de um projeto de estágio proposto pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Os instrumentos metodológicos utilizados foram imagens gravadas durante o processo de investigação, conversas informais com moradores da comunidade, bem como questionários. A linguagem teatral foi à estratégia utilizada para adaptar as histórias e aproximar as gerações. Apropriei-me de estudos sobre sociedade, comunidade, educação, e, sobretudo a oralidade. Esta pesquisa me proporcionou uma relação mais vívida com a minha comunidade, me fez reaver valores que já tinham sido esquecidos. Esse trajeto acadêmico pôde proporcionar ao bairro São Bento das Lages um trabalho sincero que trouxe a esperança de ter o teatro de volta na comunidade, com a comunidade e para a comunidade. O trabalho continua e as vozes capturadas das enunciações dos mais velhos da comunidade e suas respectivas identidades norteiam a ininterrupção dessa empreitada.

Palavras-chave: Oralidade. Identidade. Tradição. Educação. Pertencimento. Teatro. Comunidade.

SUMÁRIO

| | |
|--|-------------------------------------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1. A HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS | 13 |
| 1.1 A cidade de São Francisco do Conde, Terra, Gente e Cultura | 13 |
| 1.2 Contadores de histórias ou griô..... | 18 |
| 1.3 Uma fonte rica em História, Cultura, e Oralidade | 21 |
| 2. SÃO BENTO, BURACO VELHO TEM COBRA DENTRO: AS GERAÇÕES E ARTE DO PERTENCIMENTO..... | 28 |
| 2.1 Antes do meu ingresso a Universidade..... | 29 |
| 2.2 Meu retorno a São Bento das Lages | 34 |
| 2.3 A vivência por lá..... | 37 |
| 3. DA PONTE PARA O PALCO | 47 |
| 3.1 E o tempo não para: projeto “É nós a-ponte” | 48 |
| 3.2. São Bento no palco da história..... | 53 |
| A FONTE QUE NÃO PODE SECAR | Error! Bookmark not defined. |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 66 |
| ANEXOS | 70 |

INTRODUÇÃO

História, nossas histórias, dias de luta, dias de glória. (Charlie Brown Junior¹)

Foi o teatro que me levou até São Bento. Assim como foi o teatro que também me tirou de São Bento e me guiou até a Universidade. Agora, anos depois, retorno ao berço para fazer teatro e retratar as minhas raízes, pois como ressalta Paulo Freire, o papel do homem – em sua historicidade – é o de dialogar com a consciência de si e do mundo.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. [...] É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. (FREIRE, 1996, pag. 64)

Partindo das leituras de Paulo Freire (1996) a respeito da educação, este trabalho se norteia em autores que discutem o uso devido da voz no teatro – no que toca a educação artística em seu contexto social e comunitário. A partir da leitura de *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* (1977), de Augusto Boal, utilizei-me dos apontamentos acerca de interpretação, presença de palco, noções teatrais e discussões sociais. Num segundo momento, apropriei-me dos exercícios presentes no livro *200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator*

¹ Charlie Brown Jr. foi uma banda brasileira formada em Santos no ano de 1992. Misturou vários ritmos como o rock, hardcore, o reggae, o rap, o skate punk, criando um estilo próprio.
 Vocalista: Chorão Início da carreira: Santos, São Paulo
 Integrantes: Chorão, Champignon, Marcão, Thiago Castanho, Bruno Graveto, Pinguim, Renato Pelado, Heitor Gomes. Dias de luta, dias de glória- Artista: Charlie Brown Jr.
 Primeiro álbum: *Imunidade Musical* / Data de lançamento: 2005
www.youtube.com/watch?v=i4FQJ7Qi14o

com vontade de dizer algo através do teatro (1983), e por fim estruturei as oficinas partindo – também – das leituras de Bertolt Brecht (1967) a partir do conceito de “distanciamento” e/ou “efeito V”. Incorporei nas atividades os conceitos propostos por Maria Henriques Coutinho, no livro *A favela como palco e personagem (2012)*, a partir de suas experiências de teatro na comunidade, e Zygmunt Bauman a partir da discussão sobre comunidade, no texto *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual (2003)*.

No tocante as teorias e técnicas vocais estruturei minhas leituras a partir de Constantin Stanislavski, no livro *Construção da personagem (1981)*, e Maria Elena Gayotoo em *Voz, partitura da ação (2002)*. Neste segundo livro, utilizei os exercícios propostos pela autora a fim de priorizar o sotaque do lugar, assim como a cultura e a identidade – nos traços da memória cultural – fortalecendo, assim, a natureza do “eu” já existente. Esse exercício, a partir do uso da voz, contribuiu para as diversas possibilidades relacionadas à expressão, respiração, dicção, qualidade da voz, entre outros elementos.

No campo do registro das histórias orais – que é o foco deste trabalho – apropriei-me de um mestre da oralidade, Sotegui Kouyaté, um contador de histórias do continente africano. Foi através do documentário *Sotegui Kouyaté: um griot no Brasil (2006)*, de direção de Alexandre Handfest, que tomei conhecimento deste mestre. Outros nomes como Amadou Hampâté Bá, em *A tradição viva (1977)*, Alberto Lins Caldas em *Oralidade: texto e história para ler a história oral (1999)* e Maria Silva Cintra Martins, em *Oralidade, escrita e papéis sociais na infância (2008)*, foram autores fundamentais no processo desta escrita, e que impulsionaram o propósito desta monografia.

Além do material de caráter teórico, também foram utilizadas nesta pesquisa as músicas dos artistas da cidade de São Francisco do Conde, dialogando, assim, com a diversidade existente no bairro de São Bento. Também foram articuladas atividades de produção textual e reuniões – a fim de proporcionar uma relação construtiva entre as pessoas da comunidade, as crianças e os entrevistados (moradores mais antigos, sujeitos contadores de história). Todas as entrevistas com os moradores do bairro foram filmadas e arquivadas, bem como transcritas.

Fundamentei os meus registros, sobre a comunidade, a partir de pesquisas feitas nos livros que retratam a história de São Francisco do Conde, contendo algumas linhas sobre São Bento das Lages, tais como os livros *São Francisco do Conde – Panorama Geográfico e Sócio-econômico (1992)* e *São Francisco do Conde – Resgate de uma Riqueza Cultural (2000)* ambos de José Jorge do Espírito Santo, licenciado e bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós-graduada no curso de Especialização em Educação Básica de

Jovens e Adultos (UNEB). Nas artes tive contato com o artista plástico Antônio Carlos de Jesus (Kauê)², que retrata – através de seus quadros – o bairro de São Bento e suas cores. Na música se destaca o trabalho de Daniel Nascimento³, cantor, compositor e poeta.

Este trabalho se pauta em uma proposta educativa, cultural e artística, que venho desenvolvendo por meio de um projeto de estágio, articulado pelos professores da Escola de Teatro da UFBA, além de estar inserido na atividade obrigatória e conclusiva do módulo VI, de Licenciatura em Teatro, estendendo, assim, um trabalho de continuidade da prática teatral. Observando o contexto de violência em São Bento, que nos últimos anos tem se intensificado, pude perceber o cenário em que crianças e adolescentes estavam inseridos. Foi partindo deste olhar, que surgiu a necessidade de prosseguir com as atividades teatrais, e torná-la mais ainda pulsante, proporcionando a esses jovens – de diferentes fases – o acesso que eu tive em minha infância e adolescência. Este projeto me proporcionou a oportunidade de trabalhar na comunidade na condição de estagiária, montando o espetáculo *São Bento, Buraco Velho tem Cobra Dentro*, cabendo nesta monografia o registro do processo, tendo como tema gerador as histórias orais sob o título *Vozes no palco: Dramaturgia com histórias da comunidade de São Bento*.

A comunidade de São Bento tem um grande potencial em suas atividades culturais. Dentre muitas, destaco a quadrilha, a capoeira, o samba de roda, e o Maculelê. Este potencial abre espaço para outras atividades artísticas, como o coral, o *hip hop*, a percussão e o teatro. Paralelo a isso, tem-se observado uma crescente violência no bairro há cerca dos anos, que tem assustado a população, ainda assim, a força das manifestações artístico-culturais ofusca esses fatores negativos. Esta pesquisa vem unir energias para tornar ainda mais intensa a cultura e a arte na comunidade de São Bento e para isso foi desenvolvido um trabalho com as crianças da comunidade, que foi levado para o palco do teatro Martim Gonçalves. A voz-protesto, a voz do povo, que em muitos casos termina por se anular diante da cidade de São Francisco do Conde ou dentro da própria comunidade de São Bento, ganhou espaço no cenário teatral. As pessoas da comunidade de modo geral, desconheciam o potencial que tinham e não acreditavam que histórias contadas por pessoas mais velhas da comunidade fossem tão importantes quanto às histórias que existem nos livros. Como nos diz Amadou Hampâté Bâ “A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas

² O trabalho do Kauê pode ser visto em [HTTPS://www.facebook.com/kaue.koneart](https://www.facebook.com/kaue.koneart)

³ A obra de Daniel Nascimento pode ser vista em [WWW.cifraclub.com.br/musico_zkkwpm.html](http://www.cifraclub.com.br/musico_zkkwpm.html)

não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem". (HAMPÂTÉ BÂ, 1972, p.1). Percebia-se nessas pessoas uma inocência dessas por não se dar conta da preciosidade de suas sabedorias, o que é comum, já que o espaço disponibilizado a elas é muito limitado. Normalmente se resume a eventos ocorridos na cidade onde os grupos artístico-culturais se apresentam quando convidados. Diante disso questionei-me: como o ensino de teatro pode se relacionar com essas manifestações praticadas por crianças e jovens do bairro? E quais caminhos a seguir para o desenvolvimento de um trabalho em que as pessoas da comunidade se sintam representadas? Segundo Paulo Freire:

O importante, porém, ao renunciar à “inocência” e ao rejeitar a esperteza, é que, na nova caminhada que começa até os oprimidos, se desfaça de todas as marcas autoritárias e comece, na verdade, a acreditar nas massas populares. Já não apenas fale a elas ou sobre elas, mas as ouça, para poder falar com elas. (FREIRE, 1989, pág. 19)

Quando comecei a falar com elas, percebi que falava de mim. O desejo de desenvolver um projeto na comunidade de São Bento surge a partir da análise de como se deu a minha prática teatral no bairro, antes do meu ingresso a Universidade. Cheguei à conclusão de que as atividades teatrais que antes aconteciam em São Bento, pararam no tempo e de que eu vivi os últimos momentos do teatro no bairro, sobretudo na cidade de São Francisco do Conde, no ano de 2011. No ano seguinte, ingressei na Universidade com o real desejo de formação, a fim de dar continuidade ao teatro no bairro. Acredito que nas comunidades é que surgem bons talentos, movimentos, atitudes generosas.

A favela é o “território da luta” e da solidariedade, o lugar onde os indivíduos sempre desenvolveram ações criativas e encontraram alternativas para enfrentar suas dificuldades; é também o lugar de onde sempre despertaram as manifestações mais originais da cultura da cidade. (COUTINHO, 2012, pág. 18)

Apesar disso, este despertar enfrenta muitos obstáculos. O índice de violência cresceu, as drogas se expandiram e posteriormente outros elementos opressores se dilataram na cidade, sobretudo no bairro, entre o período de 2012 a 2015. As principais causas são as desarticulações políticas e a falta de apoio, principalmente para a cultura e a arte, que a meu

ver trabalham o ser sensível, a criticidade do ser humano, além de ampliar a visão de mundo. Pensando na minha comunidade como esse território de luta como diz a Coutinho, articulei as atividades, que foram iniciadas do dia 20 de setembro a 05 de dezembro de 2014, na Escola As Três Marias, com alunos de faixa etária entre seis e 15 anos. No início das atividades contávamos com 10 participantes, logo éramos 20 e até o final da oficina, na véspera da apresentação, passamos a ser 16 “lutadores”, naquele território de luta, unindo forças em pró de um único objetivo, estrear com o trabalho no Teatro Martim Gonçalves. Eram eles: Saynara Roseira Miranda (14 anos), Alessi dos Santos Paciencia (9 anos), Mariana Paciencia de Souza (10 anos), Janayna Vitória dos Santos Machado (9 anos), Sayla Roseira Miranda (7 anos), Anthony Roseira Miranda (7 anos), Thony Roseira Miranda (9 anos), Maria Heloiza Rozeira de Jesus (6 anos), Lucas Moreira (15 anos), Jennifer Souza Fonseca (9 anos), Luis Vitor Rozeira de Jesus (15 anos), Wellington Lemos dos Santos (10 anos), Liliane dos Santos Paciencia (7 anos), Yasmim Santos Siqueira Silva (9 anos) Vitoria Santos Siqueira Silva (12 anos), Lizia Francine de Jesus Santos (9 anos). A mistura de idade fez a grande diferença, as crianças mais novas respeitavam as com mais idade – essas por sua vez respeitavam o tempo das menores e com isso tivemos um processo intenso em nossos encontros que aconteciam aos finais de semana e feriados. Os encontros eram diurno, com duração de três horas. Nesses, utilizamos jogos e exercícios, teatrais e dramáticos que trabalhassem o tempo, espaço, ritmo, corpo, voz, sensibilidade, texto, interpretação, entre outras atividades que explorassem a imaginação e memória. A música por sua vez fluía em todos os nossos encontros. Consecutivamente iniciávamos com um exercício de aquecimento que unificava as energias e terminávamos com um caloroso abraço e uma roda de conversa, na qual era exposta a impressão de cada participante acerca da oficina. Quando desviávamos dessa sequência por algum motivo, os alunos questionavam, percebia-se aí a organicidade que o trabalho estava ganhando. O comprometimento nos encontros fez com que criássemos cenas interessantes, e que mais tarde contribuíram para a construção da dramaturgia, atingindo as minhas expectativas, assim como as do grupo. Dessa forma, finalizamos com um espetáculo, que foi apresentado no Teatro Martim Gonçalves, localizado em Salvador/BA, no dia 06 de dezembro de 2014.

Tendo em vista a arte como educadora e o teatro como possibilidade de se trabalhar as várias linguagens artísticas, é que venho junto à comunidade reaver valores culturais e identidades, que com o passar do tempo foram se tornando submersas. Para isso, os diálogos com grãos da comunidade foram estabelecidos, promovendo um canal de troca, de vivências, além de

discussões sobre a relação de pertencimento. Este saber, não encontrado nos livros e que depende exclusivamente da oralidade para comunicar, é o que norteia todo este trabalho. Pensando na qualidade da transmissão desses saberes é que venho propor um trabalho exclusivo com a voz, a fim de desenvolver a capacidade criativa e as potencialidades vocais durante as práticas com crianças e jovens da comunidade. E na expectativa de realizar um trabalho interessante atrelado ao uso consciente da voz, é que faço uso de técnicas vocais baseado nas leituras do livro “*Voz Partitura da Ação*” de Maria Helena Gayotto.

[...] Na verdade, pude perceber que não se trata nem de se limitar ao aperfeiçoamento dos recursos vocais e nem de tomá-los exclusivamente como suporte fisiológico a atividade teatral propriamente dita. Trata-se de preparar a voz, desde o início, articulando a saúde vocal do ator com a realidade e a necessidade de seus usos cênicos e, mais do que isso, trata-se de trabalhar os *recursos vocais* implicados na criação. (GAYOTTO, 2002, pág. 22)

O uso de canções instigava os participantes a criar de forma mais espontânea. Em nossos encontros o uso da música era bastante explorado. Após as oficinas, era notado que as crianças ficavam roucas, então uma atenção maior ao uso da voz foi disponibilizada a fim de evitar complicações futuras. Fizemos um investimento em garrafinhas de água, que foram distribuídas para cada participante, com a função de zelar e levar para todos os nossos encontros. Após alongarmos, fazíamos um trato com a voz, seguido de gargarejos, inalações, feito com a água, além dos exercícios de dicção, respiração, articulação e os mais tradicionais em que é preciso forçar a fala com uma caneta na boca. Este último era o que eles mais gostavam de praticar. O resultado foi prospero, certifiquei-me de que o trabalho com o teatro está atrelado à educação e a saúde.

No primeiro capítulo desta monografia trago informações sobre a cidade de São Francisco do Conde, fazendo um panorama histórico desde o aspecto cultural, social e artístico. Neste capítulo, também exponho as histórias contadas pelas pessoas da comunidade, seja em forma de versos, prosas ou poesias, a respeito da cidade e especialmente do bairro de São Bento. E foi a partir desses elementos que se fortaleceram a importância da oralidade, ainda que em um contexto contemporâneo.

No segundo capítulo conto um pouco da minha trajetória em São Bento, sobretudo na cidade de São Francisco do Conde, minha terra natal. Neste relato segue-se o antes, o durante, e o

depois – sendo este quando já me encontro na Universidade. Relato o processo de estágio que vivi com as crianças do bairro, e a minha relação com a cultura local. Além de escrever sobre o efeito que causou nas pessoas, o retorno do teatro à comunidade e a representação das histórias contadas através das entrevistas, além da montagem do espetáculo.

No terceiro e último capítulo discorro sobre como se deu o primeiro contato das crianças com o palco, com a peça que estreou no Teatro Martim Gonçalves, da Escola de Teatro, e os projetos que surgiram após o estágio. E por fim, apresento alguns relatos, de uma forma subjetiva, sobre as pessoas da comunidade e a importância destas no bairro. O que é transcrito neste trabalho é a história de um povo, cheia de contradições, que vai desde os fatos ocorridos na cidade e no bairro de São de Bento, narrados pelo povo, até as histórias documentadas vinculadas a teorias de autores que discutem o assunto.

1. A HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS

1.1 A cidade de São Francisco do Conde Terra, Gente e Cultura

És São Francisco do Conde

Terra de encanto e alegria

Sou teu filho com prazer

Meu recôncavo baiano quero viver com você

(trecho da canção Cidade Recôncavo de Daniel nascimento

São Francisco do Conde é um município brasileiro localizado na Região Metropolitana de Salvador, no Estado da Bahia. Sua população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, até o ano de 2014, era de 38.838 habitantes, em sua maioria negra. Assim como a formação do Brasil, a cidade também é formada basicamente por três etnias que as influenciaram: A portuguesa, a indígena e a de maior influencia africana. Cada uma dessas deixou a sua contribuição em cultura, tradição e costumes. Os habitantes estão subdivididos em oito bairros consolidados: São Bento das Lages, Centro, Nova São Francisco, Baixa Fria, Monte Recôncavo, Paramirim, Pitangueiras e Caípe; nos bairros transitórios: Santa Rita e

Macaco; nos bairros ambientais: Porto de Brotas (Roseira), Gurujé, Campinas, Muribeca e Santo Estevão; na zona rural: Dom João, Santa Elisa, Onze Casas e como bairro industrial: Mataripe. Em todos esses bairros as manifestações culturais e populares são ativas, umas menos, outras mais, e ocorrem desde os festejos à culinária.

Essas terras que hoje fazem parte do Município de São Francisco do Conde são oriundas de uma sesmaria. Com base em pesquisas realizadas sobre a cidade e em documentações da época, São Francisco do Conde é resultado de uma normatização de distribuição de terras destinadas à produção organizada por um instituto jurídico português, doada por Mem de Sá (fidalgo e administrador colonial português, terceiro governador geral do Brasil) a D. Fernão Rodrigues Castelo Branco, em 25 de junho de 1559. Este, logo em seguida transfere para o filho do 3º Governador geral, Francisco de Sá, em 08 de julho de 1560, que vem a falecer, deixando a propriedade para D. Felipa de Sá, sua irmã, casada com o D. Fernando de Noronha, Conde de Linhares, elevada a condição de Condessa. (PEDREIRA, 1984).

Como se pode ver, as terras pertencentes à cidade de São Francisco de Conde mudaram de donos rapidamente com um pequeno intervalo de tempo. Assim cada dono dava sua "cara" e a cidade ia se expandindo a cada dia em produção agrícola, povos e terras.

Segundo Francisco Paulo dos santos, morador do bairro de São Bento, mais conhecido como seu Paulo Rasta, meu pai, quando foi morar em São Francisco do Conde, juntamente com sua família, só existiam seis casas, tudo era pasto tomado por bois. As famílias que ocupavam essas casas viviam da pesca, da costura e da agricultura. Em apenas uma dessas casas tinha televisão e as pessoas pagavam para assistir. Dona Iracema, dona da casa, costureira, era uma das mulheres de melhor condição financeira do bairro, ou melhor, da “vila”, como assim era chamada São Bento. Hoje, percebe-se o quão cresceu a cidade, e só o bairro de São Bento, com base nas pesquisas do IBGE, tem aproximadamente mais de mil casas, atingindo uma expansão de terras muito grandes, que na época foram “cantadas”⁴, ou seja, as divisas cantadas, que são as fronteiras de São Francisco do Conde, pronunciadas em canto que demarcava uma terra com a presença de testemunhas, e se houvesse disputa entre duas ou mais pessoas por um mesmo pedaço de chão, quem cantava primeiro levava. Hoje as terras são vendidas, doadas, cedidas, trocadas.

⁴ A única fonte que explica a expressão “cantada” são as pessoas entrevistadas do bairro de São Bento e o filme *Narradores de Javé*, na parte 2. <https://youtu.be/lvr2VCEmM7c>

Quando seu Paulo dizia isso em entrevista, e às vezes nas conversas informais, eu não tinha noção de como seria cantar uma terra. Então eu pude perceber o poder da oralidade com muito mais clareza, questionando-me em como considerar terras em que uma pessoa apontou para ela, ou simplesmente disse que era sua? Era um misto de adoração e respeito à palavra dita em detrimento da escrita, um choque entre os tempos e costumes. Ainda hoje o nosso sistema educacional não da conta da complexidade da tradição oral, como fala Maria Silvia Cintra Martins,

É importante pararmos um instante para pensar e perceber que a língua materna, a língua que é nossa, com a qual aprendemos a falar desde pequenos, tem um funcionamento genuíno, muito diferente, na verdade, daquele com que, inadvertidamente, acabamos achando que devemos ensinar nossos alunos. [...] supomos que, de fato, aprendemos a falar á medida que fomos apenas aprendendo novas palavras, decorando-a pouco a pouco e foi na somatória final, de todas as palavras assim memorizadas que acabamos dominando nossa língua, por isso mesmo, passamos a acreditar que na aprendizagem da escrita se dar o mesmo processo: aprendendo-se letras e mais letras, que somando-se, formam palavras; estas, por sua vez, vão se juntando para formar frases, e assim por diante. [...] as pesquisas científicas, no Brasil e no exterior, têm comprovado que as coisas não se dão assim, e que o processo de aquisição de linguagem é algo muito mais complexo do que a mera somatória de letras ou de palavras. (MARTINS, 2008, pág. 45-46)

É possível perceber que muitos campos artísticos tem se aproximado da complexidade da palavra. Pude ter uma visão melhor desse “cantar a terra” assistindo ao filme *Narradores de Javé*⁵. O seu release diz:

Narradores de Javé é um filme brasileiro de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé. Foi lançado em 23 de janeiro de 2004 (Brasil). Tendo como personagens: Antonio Biá, Deodora, Firmino, Vado, Zaqueu, Souza, Daniel, Galdério, Samuel, Mariardina, Vicentino, Pai Cariá. Roteiro de Eliane Caffé, Luis Alberto de Abreu. Idiomas: Língua portuguesa, Língua ioruba. Conta a história de um povo de uma pequena cidade chamada Javé submersa pelas águas de uma represa. Seus moradores não foram indenizados, nem notificados por não possuir registros, nem documentos das terras. Ao descobrirem que poderiam ser preservadas se tivessem um patrimônio histórico de valor comprovado em “documento científico”, decidem então escrever a história da

cidade, mas poucos sabem ler e só um morador, o carteiro sabe escrever. Depois disso é uma confusão, todos ficam atrás de seu Antônio Biá, para acrescentar algumas linhas na história e ter seu nome citado.

É interessante notar que em São Francisco do Conde, mesmo tendo boa parte da sua história relatada, tenha havido à prática do “cantar a terra”. Segundo os dados históricos São Francisco do Conde antes era um povoado, e foi elevada a categoria de Vila em 1697, mais tarde em 1938 a categoria de cidade. Este território teve bastante influência da ordem franciscana, que desde o principio se fez presente, e por isso, homenageada no nome da cidade, que também faz homenagem ao dono material, o Conde de Linhares.

A cidade teve assinalada participação na independência da Bahia por intermédio dos homens influentes que habitavam as terras como Mário Augusto Teixeira de Freitas, idealizador e fundador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Tenente-coronel, Comandante Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, natural do município e primeiro Barão de São Francisco, cognominado “Patriarca da liberdade baiana”, entre outros. A participação nas lutas em prol da Independência na Bahia possibilitou acréscimo de prestígio para o local que ganhou o título de “A Valorosa”, assim como a elite local que foi agraciada com títulos de nobreza. Em paralelo as lutas oficiais e títulos de nobreza, as manifestações populares de influência africana expandiram seu campo de resistência.

Na arte da cozinha, as influências dos antepassados deixaram de herança pratos típicos na mesa dos baianos como o acarajé, o vatapá, o beiju, entre outros. Uma manifestação da cultura popular que melhor representa a comida franciscana é “As Paparutas da Ilha do Pati”, as guardiãs das tradições africanas, na Bahia. É um grupo formado por mulheres de distintas idades, vestidas com roupas coloridas, e que tem a missão de manter viva a tradição de preparar pratos típicos da cozinha africana, como o acarajé, caruru, frigideira de siri, moqueca de camarão, peixe frito e o feijão fradinho. Apesar de essa manifestação não existir em São Bento da Lages, mas a penas na Ilha do Pati, é uma referência para toda a cidade.

Grupo Paparutas da Ilha do Pati⁶Grupo Paparutas da Ilha do Pati⁷

Em São Francisco do Conde muitas manifestações populares passam de geração em geração. Com relação às danças, podemos destacar o maculelê, a capoeira e o samba de roda. Inclusive o *Samba Chula Filhos da Pitangueira*. Este grupo só toca o samba chula tradicional, é um dos grupos mais antigos que existem na região e faz questão de preservar a tradição que define que somente mulheres podem entrar na roda para sambar – uma de cada vez durante as partes instrumentais que intercalam com os versos cantados pelos homens. Valorizando principalmente o canto da chula e do relativo em duplas de cantadores e o toque, usa-se a viola machet, instrumento tradicional do Recôncavo e quase extinto. Em São Bento o samba de roda que é forte é o samba duro ou o samba corrido que não está atrelado a muitas regras. A regra principal é não deixar de sambar. É uma manifestação que ganhou força no carnaval.

⁶<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0CAYQjB0&url=http%3A%2F%2Fwww.bahiatodahora.com.br%2Fnoticias%2Fbahia%2Fpaparutas-participam-do-premio-anu-preto-e-homenageiam-lazaro-ramos&ei=8ulgVfHnH5LkgwT8s4LYDA&psig=AFQjCNGPXdloelx-ZHIMVvCEKSNckRyhjA&ust=1432501080505326>

⁷<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0CAYQjB0&url=http%3A%2F%2Fwww.bahiatodahora.com.br%2Fnoticias%2Fbahia%2Fpaparutas-participam-do-premio-anu-preto-e-homenageiam-lazaro-ramos&ei=8ulgVfHnH5LkgwT8s4LYDA&psig=AFQjCNGPXdloelx-ZHIMVvCEKSNckRyhjA&ust=1432501080505326>



⁸Samba Chula Filhos da Pitangueira

O bairro em que nasci, além de complementar esse berço cultural, possui uma extensa área de manguezal que alimenta parte dos moradores, como mencionei anteriormente, sendo um rico legado histórico. Trata-se de um espaço que era habitado por povos indígenas e posteriormente passou a pertencer a D. Catarina Álvares, neta de Diogo Álvares (Caramuru) e foi doado aos beneditinos por volta de 1655. Neste local fundou-se o seu mosteiro, hoje em ruínas, que serviu de repouso para o poeta beneditino Junqueira Freire.

A terra também abriga a Escola de Agronomia fundada por D. Pedro II em 1859, para combater a crise da cana de açúcar, lugar onde morou e trabalhou como bibliotecário e professor, o poeta Artur de Salles, que leu todos os livros do acervo, traduziu as obras de William Shakespeare, tendo como destaque *Macbeth*. O poeta Artur de Salles cantou a vila e o bairro em poesia.

1.2 Contadores de histórias ou griôs

Em História Oral, método são meios para decompor, sintetizar, compreender, criar, interpretar, destruir e recriar criticamente determinado presente. (CALDAS, 1999, pág. 69)

⁸ [HTTP://www.overmundo.com.br/agenda/o-samba-chula-dos-filhos-da-pitangueira](http://www.overmundo.com.br/agenda/o-samba-chula-dos-filhos-da-pitangueira)

O documentário *Sotegui Kouyaté: um griô no Brasil*, lançado em 06 de agosto de 2014, apresenta reflexões formidáveis, ricas e minuciosas a respeito do ser griô. Ele demonstra durante todo o documentário uma relação de pertencimento: “*Eu sou griô antes de qualquer outra coisa*”, afirma o Sotegui Kouyaté em uma de suas falas. O ser griô na sua concepção é o homem disponível, além de ser artista, um homem social. Acredito que essa disponibilidade na África Ocidental é algo levado extremamente a sério. O próprio Sotegui, diz que, além de ser griô, a pessoa que herda essa tradição pode ter profissões completamente diferente da prática de contar histórias e nem por isso deixa de cumprir o seu destino. Se um griô está trabalhando em alguma outra função e é convidado para contar histórias, ele larga o que está fazendo e vai contar histórias. Essa tradição é a prioridade dos griôs africanos. Na África Ocidental para ser griô é preciso nascer griô. Segundo o pesquisador Toni Edson, o termo “griô” não existe em nenhuma língua africana. Entre eles os contadores dessas castas se chamam de *djeli*. Em viagem de pesquisa na cidade de Bobo-Diulasso, Burkina Faso, na África, Toni Edson entrevistou François Moise Bamba que trouxe informações que melhor conceituam o termo *djeli*:

F: Um djeli é verdadeiramente a memória viva, é um historiador por essência, um djeli é aquele que tem a arte da palavra, que tem a cultura com ele para poder passar a mensagem que ele precisa passar, é aquele que sabe fazer falar um instrumento, que sabe contar, que sabe contar uma história através de uma música, através de uma música que vá acalantar o coração. O djeli é aquele que aceitou se apagar, pelo outro..., aceitou ser, o porta palavra dos outros. Mas ele não é menos importante que os outros. Porque ele conhece...quando não se pode falar, se torna fraco, puder falar é uma grande força.

No Brasil o termo griô pode ser usado como forma de transcrição. Segundo o Sotegui: *A palavra é o trabalho do Griô. Ele ainda afirma, o griô é a pessoa em que todos podem contar sempre, sem hesitar, mas que pode e deve seguir adiante, sem que esqueça de sua raiz, o seu passado, podendo assim buscar o seu sucesso, sem pisar em ninguém, respeitando ao seu semelhante.*⁹ Eu posso comparar o ser griô, para o africano, aos nossos mestres de tradição.

⁹ O documentário, dirigido por Alexandre Handfest, traz o ator, diretor e griot africano, que trabalhou com Peter Brook, falando da missão de passar adiante seus conhecimentos. Direção: Alexandre Handfest – Produção: Sesc SP. Classificação: Livre, Música: "Chakwi" por Stella Chiweshe ([Google Play](#) • [iTunes](#)), Categoria: Entretenimento, Licença padrão do YouTube. Memória do continente e da importância da escuta para arte, comunicação e vida.

As histórias de ambos são muito parecidas, ambos sofreram preconceitos em relação à sua visão de mundo e à sua forma de atuação no mundo, assim como tem conseguido conquistar o seu espaço e podem cumprir o seu destino, mantendo vivas suas manifestações populares.

Em nossos dias costumamos falar mais e escutar menos. Se existe uma dádiva que um homem griô precisa ter é a habilidade da escuta, mas não se trata de qualquer escuta, refiro-me a uma escuta apurada. “A palavra nasce da escuta” diz o Sotegui e esta é a principal missão do griô. A palavra é o seu trabalho e o seu trabalho é a sua vida, que se divide em três momentos: o do encontro, o da troca e o da comunicação. O griô reconta suas histórias baseado no que se deve, no que se pode e no que se quer. Ele está a serviço da comunidade, da sociedade, do mundo; ele é um ser social, assim como um padre, um prefeito, um juiz. Ele deve atuar no mundo sem barreiras, vendo por várias vertentes a sua complexidade.

A memória é o que guia o contador de histórias e a história oral surge enquanto elemento central no processo de transmissão de saberes, que vai passando de geração em geração, alimentando o universo da cultura popular, da tradição – que é o que objetiva este trabalho. São Francisco do Conde é o berço da minha palavra. Neste lugar eu construí a minha fala, o meu vocabulário, especialmente no bairro de São Bento, foi lá que reencontrei os cultuadores das memórias, os donos da minha história, pessoas que me viram crescer e que muito contribuíram para a minha maturação.

Segundo Sotegui Kouyaté, tudo está na tradição, e esta – quando preservada – é viva. Esse saber já é encarnado porque é herança, não desmerecendo as técnicas de aprimoramento porque elas são responsáveis em muitos casos por despertar a continuidade da tradição e como diz o Sotegui, pode se falar de técnicas, mas deve se falar de sensibilidade. Se o conhecimento não é transmitido, a tradição é interrompida. Na contemporaneidade, essa interrupção se dá normalmente por parte das últimas gerações, que estão imersas em uma gama de informações e de estímulos. A moda, a tecnologia, as redes sociais, são fatores persuasórios que despertam o interesse dos jovens, impedindo-os de levar a diante a tradição, de saberem a sua história e terminando, assim, por menosprezar o tradicional. Como diz o Sotegui, “*toda exclusão é fruto do desconhecimento*”. Ser griô antes de tudo é se conhecer, saber de onde veio e para onde vai. Os jovens atuais terminam por viver a cultura do consumo compulsivo, como comenta o Milton Santos.

[...] o mundo se torna menos unido. Tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (SANTOS, 2006, pág. 9)

Esse consumo tem se tornado destrutivo para nós e para o ambiente “*A palavra e o espírito é o que nos difere dos outros seres*”. Já que nos foi concedido o dom de falar, é preciso fazer um bom uso da palavra. Quando somos bebê escutamos os sons, logo, as palavras que saem da boca de nossos familiares vão se internalizando em nós. Quando crescemos perdemos de vista esta habilidade, a de escutar. Já diz o ditado popular “falar em prata ouve em ouro”.

Nos tempos passados a palavra dita era inquestionável, um bom exemplo eram as terras cantadas. No filme *Narradores de Javé*. No filme, as pessoas iam até as terras baldias, juntamente com outras pessoas, que se diziam testemunhas e lá gritavam para os quatros ventos: "de tal ponto até tal ponto, essa quantidade de terra pertence a mim". Naquele momento aquelas terras passavam a ser da pessoa que as cantou. A partir desse fato podemos observar o poder da oralidade. Hoje a palavra tem que ser transcrita em um papel, caso contrário não terá nenhuma valia e é algo que o Sotegui lamenta no documentário.

1.3 Uma fonte rica em História, Cultura, e Oralidade

Dentre tudo o que ouvi, vi e vivi, algumas histórias trouxeram-me informações valiosas sobre a comunidade de São Bento. Elas me ajudaram na contextualização, memória deste lugar, histórias que só poderia ter escutado pelas pessoas da comunidade. Dessas histórias, algumas foram escritas na íntegra, pelo motivo de serem compostas de muitos detalhes. Em outras tomei a ousadia de transformar em poemas pelo fato de terem sido contadas de uma forma um tanto fragmentada e que foi preciso fazer a junção de pedacinhos das histórias, como um quebra-cabeça. Algumas contam a história do bairro, outras, causos, mistérios, lendas, acontecidos. No momento em que eu escutava as histórias e as pessoas, me vi num lugar parecido ao de uma psicóloga social, que desenvolve uma metodologia, que contempla a sociedade, a comunidade e a comunicação – o elo entre mim e essas pessoas – construiu, sobretudo um processo educativo.

A relação entre a psicologia e a História Oral dá-se precisamente quando entendemos que o campo de atuação

dessas modalidades de conhecimento é o *presente*, ou melhor, é aquele momento de atuação, de vida, de dor e prazer, de trabalho e sonho que é o *imediatamente presente*, o campo da Singularidade e seus territórios, o campo vivo de confluência do presente. (...) Cada grande comunidade cria (...) suas naturezas, seus homens, seus deuses, seus demônios, seus aliados e seus inimigos, os significados e os significantes, os símbolos, os corpos e as formas (...) objetos, instrumentos, relações, desejos, sonhos e mistérios que só a ela dizem *respeito íntimo*. (CALDAS, 1999, pág. 62, 71)

Como afirma Alberto Lins Caldas e com o que muito me identifico, pelo fato de ter sido na comunidade de São Bento o lugar onde vivenciei realidades específicas, descrevo essas histórias. Elas antes diziam respeito somente a mim e compartilho parte delas aqui nessa monografia, que ganha força nas vozes enunciadas pelos mais velhos. Ao mesmo tempo em que eu ensinava os mais novos, aprendia mais sobre quem somos e isso é um processo educativo concreto.

O caráter educativo decorre da reflexão que é feita sobre o porquê das necessidades, de como as atividades vêm sendo realizadas, ou seja, como as ações se encadeiam e que resultados são obtidos, tornando possível a todas as pessoas envolvidas recuperarem, através do pensamento e ação, da comunicação e cooperação entre elas, as suas histórias individuais e social, e consequentemente, desenvolverem a consciência de si mesmas e - de suas relações historicamente determinadas. (LANE, 2006, pág. 68)

Era interessante observar como cada entrevistado – de uma forma um tanto engraçada – guardava as suas informações, o mistério em compartilhar o que tinha, era prazeroso, e se durante a sua fala, fosse mencionado – por mim – que alguém falou algo parecido com o que eu escutava naquele momento, imediatamente a conversa era interrompida, seja concordando, ou discordando – como na maioria das vezes. Ali era o momento do sujeito, o seu palco – era ele quem protagonizava aquela cena, e exclusivamente aquela história.

No total foram dez pessoas entrevistadas. Essas contaram histórias verídicas, causos, lendas e tudo que foi falado contextualizava o bairro de São Bento - Aspectos culturais, sociais, tradicionais e geográficos. Alguns contavam as mesmas histórias, porém com alguns detalhes a mais ou a menos, outros ainda diziam frases soltas que complementavam o que era contado por outras pessoas. No geral todos guardavam a memória do bairro. Pelo fato de algumas histórias serem contadas de uma forma não linear, acreditei ser interessante transformá-las em versos e outras ainda transcritas na íntegra. Compartilho aqui seis das histórias ouvidas que apresentei para os participantes da oficina.



O SUMIÇO DO SANTO¹⁰

Na Rua da Jaqueira morava uma família. Seu Zé Alves, Dona Candinha e seu filho. Eles vivam da pescaria e da mariscagem. Certa feita o filho do casal resolve pegar de seu pai, Zé Alves uma das coisas que ele mais tinha devoção, seu Santo Antônio.

Conta à história que seu filho também gostava do santo Antônio e por esse motivo o pegou, e diz ainda que o que ele queria era contrariar seu Zé. O pobre ao chegar da pescaria e procurar o seu santo para tomar-lhe a benção, não o encontrou e desesperou-se, desnortou-se e saiu de casa sem rumo à procura do santo. Seu Zé entrou no mangue do Tiririco foi parar no mangue do Tremidò, onde ficou perdido, desaparecido por dois dias. Esse acontecido mobilizou todas as pessoas do bairro de São Bento, sobretudo da Rua da Jaqueira, as pessoas saiam à procura de seu Zé de dia e de noite e só depois de 48 horas é que o encontraram em cima de uma árvore, dentro do mangue. Seu Zé já era dado como morto. Então o carregaram e o levaram para sua casa, Candinha sua esposa ficou feliz por demais ao ver seu Zé ainda respirando e as primeiras palavras de seu Zé foram: Candinha da cá água! Candinha, Candinha da cá água! Seu Zé bebeu quatro litros de água em uma garrafa pet e em seguida deu entrada no hospital, onde ficou por alguns dias e logo voltara para sua casa, onde teve de volta o seu majestoso Santo Antônio.

¹⁰ História contada por Dona Candinha.

FELICIDADE FELIZ¹¹

40, 50, já sei foi 60
Eu era pequeno que muito se aguenta
Na beira do "cás", eu muito aprendi
Farofa, farinha, meu vô conheci
Cantando fazia a terra ser minha
A palavra ser papel e os ouvidos documento
Testemunha que vinha não sei como
Terreno aqui era terra sem dono
E nós invadia chamando por Deus
Que logo ouvia e fazia ser meu
Queria um lugar, queria uma canção
Depois de alojado com meu pai vaqueiro
Montava nas ancas eu e meus irmãos
E lá bem pertinho da fonte do chafariz
Fazia da realidade felicidade feliz...

ACREDITE SE QUISER¹²

Oh Deus!
Cantando, contando ninguém acredita
Aqui eu nasci, aqui me criei
Num tempo em que nunca mais voltarei
Carreiros, carroças, boi e boiadas
Estradas de barro, de barro estradas
Da roça vivia e posso contar
Minuciosamente o que vi por lá
Famílias que deram início ao lugar

¹¹ Poema de minha autoria, baseado no testemunho de Seu Zé Paulo.

¹² Poema de minha autoria baseado no testemunho de Seu Soldado e Seu Roseira.

*Sem pressa, sem demora, sem trote, calma-ria
 Paciência o nome da primeira família
 Negros, mulatos, índio, caboclos
 Sem guia, sem flecha, com marcas no corpo
 De pés cansados, rosto suado
 Nas mãos cocada, beiju, caranguejo
 Sustento do povo, fiel manejo
 Quem de lá nascia, nascia sabendo
 Que o fruto da terra era o sustento...*



DRENAS¹³

São Bento das Lages é dividido em duas ruas principais: Drenas I e Drena II, essas duas ruas são ligadas por um rio. Quando eu era criança, até a minha juventude esse rio era que nos fornecia água para lavar roupas, louças, cozinhar, banho e até beber. Era o meio de sobrevivência. A água do rio era limpa, cristalina, ele tinha a sua nascente lá no bairro de Capinas e as pessoas da comunidade zelavam por ele. Acredito eu e tem quem concorde comigo, que foi este rio foi o que originou o nome das principais ruas, por conta da drenagem do rio. Lembro-me que antigamente as pessoas não chamavam a rua de drena,

¹³História contada por dona Sinha.

não tinha uma identidade, falavam: no meio da rua! Na ponta da rua! No início da rua! Com um tempo veio se chamar drena.

AS TRÊS MARIAS¹⁴

Foi construída no bairro de São Bento uma escola de ensino fundamental que foi nomeada Maria Amélia Santos, em homenagem a mulher de ACM (Antonio Carlos Magalhães). A escola era pequena e não competia muitos alunos, dessa forma, foi construída junto a esta outra escola, esta segunda foi nomeada Maria Ferreira de Santana, outra mulher influente na época. Com o passar dos tempos ambas as escolas passaram a ser mais buscadas por pessoas interessadas e a necessidade de ampliar ia se fortalecendo, então deram-se inicio as obras de outra escola. Na mesma época ocorreu na cidade um fato marcante, uma mulher chamada Maria das dores Alves, diretora da escola Carlos Pratas, localizada no convento santo Antônio, a qual eu estudei e irmã de doutor Francisco, um médico reconhecido na cidade, foi a passeio de barco para a ilha, Paramana, com uma amiga. No caminho o barco virou e a penas Maria da Dores Alves morreu afogada, foi uma fatalidade!. Como já havia sido construída uma terceira escola ao lado das duas que já funcionavam, esta terceira ganhou o nome de Maria das dores Alves como homenagem. Mas tarde a Escola passou a ser reconhecida como as Três Marias, três escola em uma só.

DESABAFO¹⁵



16

¹⁴ História contada por dona Sinha.

¹⁵ História contada por Dona Filomena.

Eu estudei na Escola Agrícola e não continuei porque o meu irmão estudava, e um tinha que ficar em casa. O número dele era 93, farda azul. Antes, aqui em São Bento era bom demais, a gente olha para aquele cais hoje, oh Jesus! Eu queria que voltasse o tempo, a escola e muitas outras coisas, mas não vai voltar. Se tinha uma coisa que não era para acabar, era aquela escola. Mas acabou e a gente não pode fazer nada. Quem viu aquele cais antes, contando vocês nem vão acreditar, mas era lindo demais! Tenho muita saudade daquele tempo. Muita coisa boa acabou.

Falar deste lugar é falar de mim, e, sobretudo é falar da minha história, da minha origem, que se fragmenta em cada uma dessas histórias. Na história “O sumiço do Santo”, a devoção ao Santo Antônio retratado por Dona Candinha, traz a religiosidade que é muito forte no bairro, assim como na cidade, desde o período dos beneditinos. A história também traz valores que com o passar do tempo foram sendo submergidos, como por exemplo o espírito comunitário que se intensifica na união das pessoas da comunidade em prol de uma causa – o resgate de seu Zé Alves no mangue do Tremidó. Já no texto “Desabafo” de Dona Filó, deixa claro a não preservação do patrimônio histórico e em se tratando da escola Agrícola, a primeira e maior da América Latina, é cruel presenciar a degradação com o passar dos dias, este lugar, na beira do Cais, que Dona Filó cita, era a minha principal opção de lazer quando criança. Além dessas, a história contada por seu Paulo, citada anteriormente, traz as primeiras rupturas da modernidade, quando retrata que no bairro havia a penas uma televisão, que favorecia a todos os moradores. O que começou a influenciar nas mudanças de costumes e de valores. Levando em consideração que a mídia atua como elemento modificador de comportamento.

Ao escutar essas histórias, sinto-me contemplada em ter acessado a informações ricas e significativas, que estavam tão perto de mim.

¹⁶<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0CAUQjhw&url=ht tp%3A%2F%2Fimlvn10pmsfc10.blogspot.com%2Fp%2Ffale-com-gente.html&ei=C-9gVeylHYydgwTikYKYCA&psig=AFQjCNHJ3sbDnLGeiaz4KDcClSdYOiXmzg&ust=1432502366012179>

2. SÃO BENTO, BURACO VELHO TEM COBRA DENTRO: AS GERAÇÕES E A ARTE DO PERTENCIMENTO

2.1 sobre o título

*“Valei-me Deus,
Senhor São Bento,
buraco velho
tem cobra dentro”*

(canção de domínio publico)

O nome dado a este capítulo, trata-se de um trecho de uma musica de capoeira, muito forte no bairro. Seus principais representantes são os mestres, Toinho, Feliciano e Emidio. Coincidentemente a letra roga ao santo padroeiro do bairro e trata de um espaço antigo, como um lugar perigoso por morar gente maliciosa e malandra. O titulo serviu para a oficina e para o espetáculo. Na própria ginga da capoeira é demonstrado essa malandragem, principalmente num dado movimento de nome “mandinga”, é um forma de desconcentrar o seu adversário, ou inutilizá-lo.

Este termo traz consigo muitos significados a respeito do bairro, como por exemplo a discriminação dos demais bairros da cidade para com São Bento, por dizerem que só moravam no bairro quem era “cobra” (malandro, bandido). Com isso criavam-se muitas rixas, que tentavam ser resolvidas em festas promovidas pela cidade ou até mesmo pela escola. Na dramaturgia isso é representado pela formação de um duelo entre bairros, em que trabalho coro cantado e falado.

CENA III

A procissão vai se desfazendo e formam-se dois coros, como em um duelo. (...) Duelo fica mais forte...

Coro 1- o que é que são bento tem?

O que é que são bento tem?

(...)
 Coro2- tem birimba, birimbau,
 Tem cabaça, coisa e tal,
 Tem viola, atabaque,
 Samba duro em toda parte.

(...)
O duelo é interrompido pela terra que começa tremer... É o fim do mundo, todos se desesperam, começam arrancar as roupas enquanto falam. Embaixo estarão com um macacão verde¹⁷.

A cena retrata a multiplicidade das manifestações culturais existentes em São Bento, onde parte do duelo representa os demais bairros e a outra parte o bairro de São Bento que defende com muita garra os pontos positivos do bairro. Outra alusão ao título, é a história da cobra Xapanã¹⁸. contam as pessoas da comunidade que essa cobra aparecia na pedra santa, patrimônio cultural, local onde as pessoas da religião do candomblé, iam fazer as suas oferendas. Todas às vezes, aparecia uma cobra de nome Xapanã atrás da pedra. Pessoas que não são da religião do candomblé, dizem também terem visto a cobra. Com base nessa informação, despertou em mim uma curiosidade em querer entender que cobra era esta. Perguntava para as pessoas que contavam o caso o porquê de não matar a cobra, porque ela não picava ou porque Xapanã? Ninguém sabia me responder, sabe-se que existia uma devoção a aquela entidade. A inquietação pela falta de respostas, me fez pesquisar mais a fundo. Conversei com pessoas candomblecistas e acessei as redes sociais. Descobri que “Xapanã”, tem uma ligação com o orixá Omolú ou Obaluaiyê. Depois contei às pessoas que não tinham conhecimento, disso estas ficaram impressionadas. Essas desconstruções de impressões sempre fizeram parte do meu cotidiano e mesmo já tendo retratado algumas linhas a respeito da dramaturgia, cabe aqui falar um pouco sobre da minha vida em São Bento antes de morar em Salvador.

2.2 Antes do meu ingresso a Universidade

O bairro de São Bento é um polo de manifestações culturais e artísticas. Antes reconhecido como comunidade de São Bento das Lages, é o bairro mais próximo do centro e um dos mais populosos, considerado celeiro cultural do município, pois ainda abarca o terno de Reis, o maculelê, a capoeira, o Samba de Roda, entre outras manifestações. Foi justamente neste

¹⁷ A dramaturgia completa está em anexo nesta monografia

¹⁸ [HTTP://pt.wikipedia.org/wik/xapanã](http://pt.wikipedia.org/wik/xapanã)

lugar que eu nasci por mãos de parteira, Mãe Didi, falecida em 2010. Foi lá que cresci e fiz as minhas escolhas.

O grupo *A Capoeira Liberdade*, é referencia para São Bento. Tem a sua sede na Rua do Chafariz e liderada pelo mestre Toinho e Dona Ninha, que mantém por muito tempo a tradição. O grupo é formado por crianças, jovens e adultos, e está sempre participando de todos os eventos organizados no bairro e na cidade, inclusive alguns participantes da oficina treinam nesse grupo. O Maculelê, liderado por Antônio Nonato e Antônio Silva Miranda Filho, também moradores do bairro. o *Afoxé filhos de Obá*, criado pelos filhos de Mãe Carlita, uma das yalorixás mais conhecidas, faz parte de um grande terreiro, localizado no bairro de São Bento. Há ainda *Os Meninos de Lama*, manifestação cultural mostrada no carnaval, entre outras manifestações.

Crianças e adolescentes do bairro são contemplados com o manguezal. Este lugar que é para eles área de lazer, local de trabalho, e é também de lá que sai o maior grupo de *Os Meninos de Lama*, do bairro de São Bento, em direção à orla marítima, onde é confraternizada a festa de carnaval. A Prainha ou Mangue Seco como assim é chamado pelos moradores do bairro, tem uma confluência de três rios: o Rio Tiriríco, Rio Tremidó e o Rio da Areia. Esses rios se apresentam na maioria dos causos e histórias contadas pelo povo, afinal estes são os responsáveis pelo sustento da população, que vive da pesca e do marisco.

Além das manifestações populares que se apresentam no carnaval, temos também o teatro, com os grupos: *Amor na Terra*, residente no centro; *O Monte Arte*, residente no Monte Recôncavo; o *São Ben'arte*, residente em São Bento das Lages, foi nesse grupo que comecei a fazer teatro. Temos também o *Coral Juventude Arte do Recôncavo*, que origionou-se no bairro e depois componentes da cidade de Santo Amaro da Purificação. O samba de roda manifestação predominante se apresenta tanto no carnaval quanto em outros momentos.



Figura 1: Samba Criôla na frente de sua sede

O samba de roda que se destaca em São Bento, é o Samba Criôla. Este grupo se origina em 1980. Conta seu Francisco Paulo, um morador do Drena I e fundador do grupo, que através de um grupo de amigos que se divertiam no carnaval, surgiu *Os Unidos de São Bento*. Era um grupo de samba duro, que mais tarde passou a fazer participação em outros eventos da cidade e que durou por volta de 20 anos. O grupo participou de desfiles realizados pela cidade, tendo rainha, dançarinas, bateria, mestre de bateria, figurinos, carro alegórico construídos coletivamente como numa Escola de Samba. O grupo interrompeu as atividades em 2000, por causa de desavenças entre regentes, o que tensionou a continuidade das atividades exercidas pelo grupo, o fato impactou a sua permanência e aos poucos foi desaparecendo. Em 2002 surgiu o *Real Samba* com a mesma proposta de *Os Unidos de São Bento*. Através do mesmo fundador, o que diferenciava dos UDS era apenas o nome, e os novos componentes. Sendo que as pessoas que mantinham o grupo ativo eram da mesma família, e só durou dois anos. Em 2009, por causa de uma inquietação de Francisco Paulo e seu amigo Roberto Chagas, surge o “Samba Criôla” com uma nova estética de samba, “o samba corrido”. Este surge com o objetivo de continuidade dos UDS e do *Real Samba*. Estes, reconhecendo que os tempos não eram mais os mesmos entenderam que sair às ruas não fazia mais sentido, por isso articularam uma nova proposta. O grupo começou com 12 sambadeiras, sendo que a mais nova tinha 5 anos, e 11 tocadores, tendo como o mais novo tinha 7 anos, e hoje o grupo conta 10 sambadeiras e 16 tocadores. O nome surgiu segundo eles, por causa das raízes. É uma homenagem às mulheres negras do bairro consideradas muito bonitas, “Criôlas”, porque era assim que os negros pronunciavam. (Francisco Paulo, 2013).



Figura 2: O grupo de Samba duro Unidos de São Bento no Carnaval da década de 70.

Apesar de toda essa riqueza cultural é possível perceber o distanciamento dos moradores com relação ao valor histórico-cultural da localidade. O bairro também enfrenta problemas como depredação do patrimônio público, inclusive do patrimônio escolar, e o uso de entorpecentes entre pessoas de todas as faixas etárias, principalmente entre crianças e adolescentes, que ultrapassa a média da cidade, com um alto índice de homicídio, assim como os casos de gravidez na adolescência.

O bairro é subdividido e delimitado entre as seguintes ruas: Drena 1 e 2, Rua do Cais, Ninho da Gata, Fonte Chafariz, Loteamento São Bento das Lages, Travessa Junqueira Ayres, Avenida Junqueira Ayres até o estádio Otávio Junqueira e Rua da Jaqueira. Eu nasci na rua Drena I e foi nesse contexto que desenvolvi as minhas primeiras atividades artísticas e onde vivi toda a minha infância e parte da minha juventude, até o meu ingresso na Universidade.

O grupo de teatro *São Ben'arte*, surgiu em 17 de novembro de 2001. Anualmente o grupo realizava um arrastão cultural mobilizando todo o bairro e chamando a atenção para vários órgãos municipais. As atividades realizadas pelo grupo não obtinham nenhum vínculo com a prefeitura local. E a iniciativa tinha apoio total da comunidade, que sustentava o desenvolvimento das ações. O arrastão contava com a participação de vários grupos teatrais de cidades vizinhas e sensibilizava a todos que assistiam as apresentações, pois havia muitos jovens participantes e que atraíam simpatizantes e toda a sua família. Éramos uma rede e o

convívio intercultural acontecia durante todo o ano, através das redes sociais, reuniões entre líderes, oficinas e a grande confraternização com o arrastão cultural. Percebiamos uma identidade comum. A maioria dos componentes eram católicos e todas as atividades do grupo tinham que ser conciliadas com as atividades da igreja, isso influenciava diretamente em todas as ações teatrais, na estética e nos encontros. Valores da igreja foram veiculados pelo fenômeno teatral, características encontradas no teatro praticado durante a idade média, segundo Margot Berthold, em seu livro *História Mundial do Teatro* (2011): “o teatro somente ganhou em cores e originalidade ao ser assim colocado no meio da vida cotidiana” (p. 185), sem perder de vista os elementos relacionados ao caráter religioso. Em 2011 o grupo funda *O Bando de Teatro Caixa de Foco*, com os ex-componentes do *São Ben’Artinho*, um grupo infantil criado e liderado pelo *São Bem’Arte* – que contou com o interesse de alguns amigos, e que mantém, até hoje, o desejo de renascer o teatro na comunidade. O grupo parou de atuar no ano de 2012. Com o passar do tempo, a maioria dos componentes foi se desvinculando do grupo, tanto pelas ocupações de caráter pessoal, quanto profissional.

São Bento é a minha referência de como se viver em uma comunidade, e é responsável pelo despertar do meu desejo em trabalhar com ela, além de ser o estímulo para desenvolver o tema desta pesquisa: *Vozes no Palco em Contação da História de São Bento*. Tema desenvolvido a partir de uma vivência com crianças e jovens desta comunidade.

Outro fator que impulsionou o meu desejo por este tema, foi primeiro o contato inconsciente com os griôs da minha casa e do meu bairro, seguido do contato com a técnica do Teatro Griô, com Rafael Moraes¹⁹ e Tânia Soares²⁰. Passei a refletir a minha prática com a contação de história e a partir desse curso, que contou com a duração de uma semana, além da mostra final

¹⁹ Prof. Rafael Moraes, Graduado em Artes Cênicas – UFBA\ Especialista em Técnica de Palhaço e Contador de Histórias. Mestre em Artes Cênicas – UFBA. É Diretor Artístico do Grupo Teatro Griô, Ator, Professor e Diretor de Teatro.
<http://teatrogrio.com.br/tag/rafael-morais>

²⁰ Profª Tânia Soares, Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC da UFBA. Graduada em Interpretação Teatral pela UFBA. Cursos de formação teatral na Itália de teatro de rua, técnica de clown e técnicas corporais e vocais de formação do ator, ministradas pelo Teatro Potlach e de Mímica Corporal Dramática em Londres na École de Mime Corporel Dramatique, por Steve Wasson e Corine Soun. É coordenadora de cursos e oficinas do Teatro Griô.

em Candeias, em 2010. Sobretudo, o amor que sinto por este lugar, pelas pessoas, e pelas crianças que o iluminam, e que transformam São Bento em uma comunidade bela, com suas histórias.

2.2 Meu retorno a São Bento das Lages

Como a pesquisa propunha aproximar gerações a través da linguagem teatral, assim se deu o nosso primeiro encontro. Em março de 2014, durante as férias da Universidade, passei mais tempo em minha cidade, sobretudo no meu bairro. Assim, pude dar maior atenção ao que eu já havia idealizado, mas que não conseguia conciliar com a carga-horária da Universidade. O meu desejo era desenvolver atividades teatrais na comunidade e recuperar os grupos que despertaram em mim o fazer teatral, que acabaram por ficar esquecidos. Essas férias oportunizaram a minha retomada com o teatro na comunidade.

Em conversa com Luis Vitor Roseira, garoto de 16 anos, ex-componente do São Bem' Artinho e do Bando de Teatro Caixa de Foco, este demonstrava um misto de aflição, desejo, ansiedade, quando falava do teatro e em retomar as atividades. Várias crianças do bairro passaram a se reunir na varanda do vizinho dele, iniciando algumas atividades teatrais que havia aprendido comigo e que não haviam esquecido. Aproveitando que eu estava na cidade, Luis Vitor pediu algumas orientações. Vitor foi um instigador que eu precisava para retomar as atividades teatrais em minha comunidade. Segundo Zygmunt Bauman (2003, pág. 07) “A comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”.

Certo dia, eu visitei de surpresa Luis Vitor na Escola As Três Marias. Onde ele estava reunido com um grupo de crianças, fazendo assim uma surpresa. Pude enxergar o brilho no olhar de Vitor e a curiosidade das crianças em querer saber quem eu era. E foi a partir deste dia que eu não consegui mais abandonar as crianças. Todos os finais de semanas em que estive na cidade nós nos reuníamos, e mesmo que eu não quisesse, as crianças me viam transitando e em seguida batiam a minha porta com a pergunta: “*tem teatro hoje?*” Quando eu dizia que sim, era a maior festa. E assim se dava os nossos encontros, esporadicamente.



Figura 3 Luiz Vitor de camisa listrada e o grupo de participantes da oficina

Gliuson, historiador e agente cultural do bairro, tomou conhecimento da retomada das atividades na comunidade, e trouxe a proposta de realizarmos um trabalho para a Secretária de Turismo, contando, através do teatro, a história da cidade. Como afirma Marina Henriques Coutinho:

A cidade é um território propício à comunicação. A sociabilidade urbana cria um ambiente que favorece o estado de luta, a criação de uma política que pertence aos pobres, que é resultado da convivência com a necessidade e com o outro. (COUTINHO, 2012, pág. 53)

Foi importante nesse momento ter mais alguém para lutar junto, além do que, ter o incentivo da Secretaria de Turismo para buscar na periferia elementos que pudesse compor um espetáculo. Assim iniciou-se um trabalho com foco no que a secretaria havia solicitado e juntamente com Gliuson, escrevemos o texto *São Bento no Palco da História*, que retratava alguns personagens importantes formadores da história da cidade. Precisávamos desenvolver um teatro em que aparecessem cenas que melhor contavam a história de São Francisco com base na história registrada. A partir dessa proposta, nós começamos a desenvolver a forma de teatro aplicado.

A base teórica do teatro aplicado defende que os processos criativos, que desenvolvem quase sempre a colaboração entre artistas e grupos comunitários, devam permitir a emergência de um teatro que responda a comunidade, que exerça uma

comunicação e um impacto específicos para os seus participantes e plateias; que os interesses, temas, histórias e formas estéticas da comunidade sejam aproveitados pela cena. (COUTINHO, 2012, pág. 27)

O nosso trabalho de pesquisa começou no Cais, nas proximidades do que foi A Primeira Escola Agrícola da America Latina. Nesta aula, ao ar livre, conversamos sobre patrimônios históricos, e de uma maneira bem simples a conversa trouxe muitas idéias que enriqueceram ainda mais a dramaturgia, logo na semana seguinte já estávamos ensaiando a nossa peça. Os encontros aconteciam aos finais de semana de forma esporádica, em uma sala da Escola As Três Marias - essa escola é a guardiã do acesso a escrita em São Bento, depois da Escola Agrícola. O desenvolvimento das crianças era nítido, elas construía muito bem os personagens. O que tensionava o trabalho era a ansiedade em querer estreir, esse fato criava alguns conflitos durante o processo.

O processo foi interrompido quando eu precisei viajar para Viçosa (MG), para participar do ENEART (Encontro Nacional de Estudantes Artistas), onde fiquei por 10 dias. Quando retornei a Bahia, retomei as aulas na Escola de Teatro, iniciada já há 05 dias, mas não consegui retomar as atividades com as crianças. Tudo contribuía para minha permanência em Salvador, dificultando, assim, as minhas idas a São Francisco do Conde. Dessa forma a vontade de não querer mais desenvolver o trabalho para a Secretaria de Turismo ia se fortalecendo, por motivo de insegurança e o tempo, que estava estreito. No início do mês de setembro de 2014 a secretaria de turismo, Gliuson e eu resolvemos encerrar esse processo. No mesmo mês eu tinha uma decisão acadêmica para tomar em relação aonde realizar o meu estágio VI.

O projeto de estágio proposto pela Universidade era o que mais me inquietava. Os professores, a turma, todos me pressionavam para que eu decidisse o local, o público e o objeto de pesquisa. Dessa forma, eu entendi que nenhum outro grupo, nenhuma outra comunidade seria, se não as minhas crianças de São Francisco do Conde, da comunidade de São Bento das Lages. “Como já havia iniciado um processo com elas ,que fora interrompido e que basicamente se tratava do mesmo tema no qual gostaria de trabalhar no estágio, então decidi que iria apresentar para as crianças um novo projeto, “São Bento Buraco Velho tem Cobra Dentro” e o projeto que antecede a este, “ São Bento no Palco da História”, ficaria guardado para um outro momento. Assim foi feito e as crianças manifestaram interesse em continuar com os nossos encontros, mesmo que com uma nova proposta, que tinha como objetivos principais: reaver junto à comunidade valores culturais e identidades, que com o passar do tempo foram se tornando submersas; promover um canal de troca, de vivencias,

além de discussões sobre a relação de pertencimento; revelar saberes não encontrados nos livros e que dependem exclusivamente da oralidade para fazer falar; e registrar as histórias orais contadas pelos mais velhos da comunidade como proposta educativa, cultural e artística. Esses foram os caminhos empregados para resolver as minhas inquietações e tornar possível o trabalho com a comunidade.

2.3 A vivência por lá

Ensinar exige consciência do inacabado.

(Paulo Freire)

Nosso primeiro encontro formal, com a proposta de estágio, foi no dia 20 de setembro de 2014. Apresentei para as crianças a proposta do projeto de oficina, e oficializei os nossos encontros que até então eram esporádicos. Depois da definição de cronograma, deixei um momento para as dúvidas e curiosidades – sendo este momento produtivo. Os alunos se mostraram maduros, apesar de terem, em sua maioria entre 7 e 8 anos. Eles tiveram que se desvincular de um processo para entrar em outro rapidamente, mesmo que semelhantes, foi uma mudança delicada. Combinamos de nos encontrar aos finais de semana e feriados durante três meses. De setembro há dezembro de 2014, com duração de no máximo três horas cada encontro e foi garantido o comprometimento de todos.

Após ler o projeto e tirar as dúvidas, entreguei a cada criança uma folha de papel ofício, contendo apenas o título: “*São Bento, buraco velho tem cobra dentro*”. No momento seguinte, solicitei que eles escrevessem nesses papéis as opiniões relacionadas ao tema proposto para as oficinas, a partir do que eles entendiam sobre o assunto, qual o sentido, que relações se estabeleciam, etc. Nesse momento eles puderam expor essas questões da forma que melhor lhes cabia. Apesar da dificuldade de algumas crianças na produção do texto, as respostas foram diversas: alguns colocaram palavras soltas, outros frases inteiras, desenhos. Um dos alunos me chamou atenção quando associou o tema ao ditado: “*Panela velha é que faz comida boa*”. E outro ainda perguntou: “*só tem cobra aqui no bairro, é?*” A partir desse diálogo surgiram vários questionamentos, fortalecendo, assim, a proposta do projeto. Ao final passei a seguinte orientação: que eles entrevistassem as pessoas mais velhas da comunidade. Dessa forma foram elaborados alguns questionamentos que nortearam a entrevista. Ao mesmo

tempo, eles estavam livres para elaborar mais perguntas, se necessário. As principais curiosidades era saber sobre o tempo vivido na comunidade, a idade e sobre algum fato ocorrido no bairro, que tenha sido marcante. A entrevista teria que estar pronta para o dia seguinte e assim foi feito.

Alguns levaram as entrevistas, outros não. Fizemos um aquecimento, alongamento corporal-vocal e um jogo para canalizar a energia. No momento seguinte, em uma roda de conversa, cada um apresentou sua entrevista e expôs a sua experiência. Alguns gravaram áudios e outros se limitaram ao papel, e os que não haviam feito à entrevista, se fizeram como ouvintes. Houve então uma segunda chance para os que não haviam realizado a entrevista – e que caso fosse do interesse, teriam esse segundo momento. O meu desejo era de que todos vivenciassem desde o princípio todos os momentos propostos, para tornar fluído o processo, e futuramente orgânico o resultado. “(...) o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (FREIRE, 1996, pág. 36)

Eles me deram um norte, introduzindo no meu trabalho títulos de causos, fatos históricos e biografias de pessoas da comunidade. A partir disto é que fui a campo. O trabalho de investigação iniciou-se em um dia de domingo, juntamente com Gliuson que se dispôs a seguir comigo. Peguei a minha câmera, um caderno de anotações e segui até as casas das pessoas que os meninos haviam entrevistado, além de outros que eu já pretendia entrevistar.

Começamos por seu Paulo, meu pai, agente cultural de 55 anos da comunidade. Este contou uma história por cima da outra, lançou uma tempestade de acontecimentos sobre nós, de mitos a histórias reais. Em seguida fomos à busca de mais pessoas, algumas tímidas e que terminavam por indicar outra, e nesse caminho de indicações é que encontramos Dona Candinha, uma senhora de aproximadamente 85 anos, que eu não via há muito tempo, e que fez parte da minha infância. Esse momento foi carregado de emoção, um reencontro entre o passado, o presente e o futuro.

A partir do momento em que entrevistei Dona Candinha, filmando e escutando-a falar, fui escrevendo toda a dramaturgia em minha cabeça, e sendo tomada por um estado de ansiedade. Ao encerrar a entrevista, segui para outra casa com a sensação de que já havia encontrado o que procurava, mas ainda assim continuei com a busca. A próxima foi Dona Ozânia, uma senhora de aproximadamente 78 anos, com uma memória bem defasada e que nos contava os causos e fatos bastante atuais, acontecimentos meses passados. Ela ajudou bastante a contextualizar o bairro, comparando os dias atuais com o passado, porém diferente de Dona

Candinha que despertou em mim a vontade de sair correndo para escrever, Dona Ozânia me trouxe um choque de realidade, trazendo-me a reflexões. Ela falava de um bairro violento que tomou uma proporção muito vasta. Contava do uso de entorpecentes, do assassinato de um jovem de 19 anos, que acontecera recentemente, na frente dos moradores do bairro, incluindo crianças, jovens e adultos e que chocou toda a população. Este bairro o qual ela me apresentava, não era o mesmo bairro o qual vivi toda a minha infância. E foi a partir desse diálogo com Dona Ozânia que comecei a refletir o processo de minha volta a São Bento, e de como essa comunidade atual – com essas mudanças sociais – se refletiria em meu trabalho, como eu poderia trazê-las para o meu projeto.

Outra pessoa foi Dona Sinha, minha mãe, uma senhora de 52 anos, merendeira do bairro há mais de 25 anos, que contou-nos muitos casos e indicou várias pessoas que julgava adequadas para serem entrevistadas. Sinha foi a nossa guia, nossa “caça Griô”. Seus lanches são os mais desejados de São Bento, há 15 anos eles custavam 0,10 centavos, depois 0,25, 0,50, 0,75, 1,00, 1,20, e hoje custam em média 1,50. Os moradores confiam neste lanche para tomar o café da manhã e para merendar à tarde, quando trocam o almoço por esses lanches. E reclamam quando acontece de Dona Sinha não fazer o lanche, o que é raro, pois essa produção é responsável pelo sustento da casa e da família, e normalmente quando algum filho reclama de ela está trabalhando muito, Dona Sinha arrebatava dizendo: “É o meu ganha pão!”.

A partir do que já havíamos conseguido de informações, iniciamos as atividades com foco na identidade, a fim de conhecer cada aluno de forma mais ampla. Esse processo durou três dias: 11, 12 e 15 de outubro, sendo que no dia 12 ocorreu com a minoria, pois era comemoração do dia das crianças e o choque de data – com este feriado – não foi fácil. Foram muitos os atrativos e eles não conseguiram cumprir com o acordo de estarem no local de encontro às 09h, para realizarmos a oficina.

Trabalhar com comunidade é estar sempre flexibilizando as ações. Para mim foi como se eles dissessem: *“terá que ser do meu jeito, caso contrário, pode ir embora porque a comunidade é minha”*. Eu só estava identificando uma dificuldade que sem dúvidas seria a primeira de muitas que estaria por vir. Diferente da escola, a comunidade é quem coordena diretamente as nossas ações, os nossos métodos, as sequências didáticas. Ela determina a hora de parar. Paralelo a isso, quando a conquista acontece, a comunidade se entrega, veste a camisa e fica eternamente grata.

O trabalho surtiu muitos efeitos e então aproveitamos o final de semana, e mais o feriado, assim pudemos nos conhecer melhor, falar um pouco sobre nós, contarmos histórias, tudo isso

de forma livre, fluindo naturalmente, sem se prender a uma sequência didática, a um plano de aula. Estávamos acessíveis para o que surgisse. Com isso, sentir-me estimulada a criar uma canção, juntamente com o amigo Gliuson do Carmo, uma canção homenageando os pescadores e marisqueiras da região. Essa música baseia-se em instrumentos utilizados por esses trabalhadores, como o muzuá, o decá, inclusive a biodiversidade, responsável pelo sustento da população - a maré. Esta música foi bem aceita no grupo e iluminou a cena. A letra da canção é “Meu muzuá decá /Meu muzua decá/ Que eu fui pescar/ Meu muzuá muzú decá/ Decámuzazuá/ Que fui pescar/ É maré cheia/ Meu muzuá/É maré cheia/ Muzadecá...Maré vadeia...”

Todas as pesquisas a respeito da contextualização do bairro, da cidade, assim como as entrevistas com os moradores, geraram discussões e contribuíram para a oficina, em que trabalhamos a oratória, a criticidade, a autoconfiança e a coragem. Partimos para um momento de imaginação, tendo como passaporte as histórias contadas, pesquisadas e vivenciadas, até mesmo para fixação de conteúdo. Logo, um exercício corporio-vocal utilizando a voz, o andar, os tiques, gestos marcantes, das pessoas entrevistadas serviu como estímulo.

Em 19 de outubro ocorreu na comunidade uma festa para homenagear as crianças, organizada pelas pessoas da comunidade, e tendo a frente Dona Sinha Pereira, que realiza essa comemoração pela segunda vez. Dessa forma, substituímos a aula pela festa de mainha e aproveitamos para divulgar de uma forma mais direta a oficina de teatro. Então pintamos os rostos, falamos no microfone e participamos da festa, roubando a cena.

“Se Deus é por nós, quem será contra nós”. Esta frase é muito pronunciada pelas pessoas da comunidade e esta união é nítida. Neste evento em específico, era admirável ver todos trabalhando em prol de um mesmo objetivo. Enquanto um dividia o lanche, outro animava a festa, outro ainda entregava os presentes doados pelos moradores da comunidade, todos os detalhes eram minuciosos para que tudo desse certo. E o importante era que todos saíssem satisfeitos e as crianças especialmente felizes.

Outra prova dessa união comunitária é que quando a escola que utilizávamos para trabalhar estava sendo ocupada pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE), ocupamos a casa de um vizinho, Seu Adailton, meu tio. A casa que ainda se encontrava em construção e o trabalho não podia parar. Juntos, organizamos um mutirão e tentamos deixar o espaço adaptado para ensaiarmos. Como a casa estava em construção, recolhemos parte da areia do chão de

cimento, sacudimos água para amenizar a poeira e forramos o chão com linóleo e carpete. Foi o ensaio mais produtivo, utilizamos um projetor de luz alternativa, confeccionado por Lucas Ferreira – um dos alunos mais velhos da oficina – que se interessou em confeccionar projetores desde quando apresentei-lhe um projetor que havia construído em uma oficina de iluminação alternativa num evento, ENEART, em Viçosa (MG).

Lucas encantou-se com o projeto e o aprendizado desenvolvido em uma oficina de iluminação alternativa. Lucas produziu diversos projetores a partir de materiais como lata de tinta, painéis velhas, tubo de PVC, entre outros utensílios/objetos. A cada aula surgia um novo projetor e que era utilizado nos ensaios. Havia momentos em que Lucas preferia ficar de fora da cena para manipular a luz, segurar o projetor com as mãos e direcioná-lo para determinada cena, de forma a observar o foco maior, foco menor, *blackout* total. Mesmo com todas as limitações de um projetor alternativo, Lucas fez acontecer um desdobramento único. Ao descobrir essa habilidade de Lucas os meus desejos para realizar planejamentos pós-oficina cresceram. Investir em Lucas para que se tornasse um iluminador está em um dos meus principais desejos.

Na casa do vizinho, tiramos o dia para conversar sobre tudo, inclusive sobre a vida deles na família, na escola e na comunidade. Essa conversa foi necessária, pois alguns pais ameaçavam retirar seus filhos do processo da oficina de teatro, pois temiam que isso ocasionasse um baixo rendimento escolar, ou o descumprimento das tarefas em casa. Então, cabia a mim o papel de enfatizar a importância do processo e esclarecer a respeito do estímulo dessas atividades, com o teatro, como forma, inclusive, de estimular as crianças a estudar mais. Os pais compreenderam bem, e depois dessa conversa – que funcionou como uma espécie de terapia – eu não voltei a escutar ameaças em casa, ou coisas parecidas, e tudo parecia estar sob controle. Depois desse diálogo, fiz visitas ocasionais aos pais, a fim de saber como as crianças estavam na escola.

Se instalar na casa do vizinho nos dias em que a escola estava interditada contribuiu bastante para a produção. Pudemos resolver as limitações do espaço, e realizamos atividades que não exigissem muitas movimentações. Para isso nos concentramos em leituras dramáticas, criações de músicas, trabalho com a voz, e laboratórios de interpretação. Às confraternizações surgiram naturalmente.

Retornamos ao nosso espaço e o ensaio foi um sucesso. Fizemos uma preparação de corpo e voz, e ao invés de começarmos o ensaio pelo início da peça, principiámos repassando as cenas que mais precisavam ser ajustadas. Foi curioso observar o quanto a mudança de espaço

influenciava na construção cênica além de estimular a valorização dos alunos para com a Escola que nos era cedida, pois eles sentiram falta. Trabalhamos todas as músicas da peça para que pudessem ficar afinadas. Em seguida, discutimos sobre as movimentações de cena mais complexas. Durante o espetáculo acontecem entradas e saídas que se não são bem ensaiadas não acontecem com perfeição e podem destruir a apresentação. Neste dia dediquei-me em desenhar estas marcações. Assim os alunos puderam expor suas opiniões sobre a complexidade dessas movimentações e passamos a buscar a nascente desses movimentos para entendê-los e realizá-los com precisão. Após fazer esses ajustes, partimos para ensaiar a peça completa sem interrupções. Pude perceber a grande diferença: as cenas estavam muito mais limpas, as músicas com uma sonoridade suave, melódica e afinada, o tempo das saídas e entradas estavam bem equalizados, daí a importância de parar para fazer reajustes, avaliar detalhe por detalhe.

Foi exatamente nesta aula, pouco mais de um mês antes da estréia, que eles se encontraram na peça, e pude ver o que imaginava, ao ponto de decidirem fazer um ensaio aberto. Então eles convidaram pessoas que estavam na escola, guardas, um grupo que estava fazendo reunião, crianças que passavam na rua – de frente à escola– o auxiliar de limpeza, e mostraram o trabalho com projeção de luz, que funcionou muito bem, por já ter anoitecido. A noite ajudou com a iluminação e nem tínhamos percebido. A plateia se emocionou e ao final da apresentação fizemos um bate-papo, pudemos ouvir os elogios por todos os lados, “*as crianças já estavam prontas*”. Em instantes algumas mães foram à escola buscar seus filhos, pois já havia passado o horário e ninguém havia se dado conta, então tive que me explicar e ficou tudo bem.

Já podíamos acelerar o processo e então, nesse encontro conversamos sobre o ensaio aberto, e os alunos se mostraram vibrantes, com planos e ideias. Eles queriam fazer mais ensaios abertos e cobrar o valor de um real, a euforia era tamanha que nem conseguimos ensaiar. Assim fizemos uma leitura dramática. Antes mesmo de iniciarmos a leitura, tivemos uma conversa sobre os materiais cênicos e a importância de zelar por eles, pois eu havia comprado duas esteiras de palha, para serem usadas em algumas cenas e após em dois ensaios e elas se encontravam destruídas. Tratava-se de um material frágil, então requeria ainda mais cuidados e mesmo tendo consciência de sua fragilidade, não pude deixar de dar esse *feedback*, por acreditar que isso poderia repercutir em outros momentos. Eles ficaram sentidos, pediram desculpas e demonstraram preocupação, então no momento seguinte eu propus o jogo

“floresta”, aplicado no módulo IV de Licenciatura em Teatro da UFBA em 2012.1, pelo professor Fabio Dal Gallo, onde o grupo tem um tempo para fazer quaisquer ações que queira, como uma forma de extravasar – e que funcionou. O professor pede que os alunos caminhem pela sala em silêncio. Na medida em que caminham vai-se alternando a velocidade da caminhada, do mais lento para o mais veloz. Depois de ter experimentado essas velocidades, pede-se que o participante congele e em seguida movimente-se em *slow motion*. Em um dado momento o professor diz que os alunos terão 30 segundos para fazer o que quiser, o comando é quando o professor gritar, *floresta!* É natural e esperado que todos comecem gritar, pular, rir. O momento floresta pode ser repetido se desejar. Quando apliquei o exercício, eles logo iniciaram um samba que até eu mesma caí na gandaia. Paulo Freire fala que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, ANO, PAG.) e foi esse processo que ocorreu.

A minha relação com eles era pautada sempre na verdade e na autonomia. Dessa forma deixava-os a par de todas as dificuldades enfrentadas, para fazer com que a oficina acontecesse. Um deles foi a ausência da minha orientadora de estágio no acompanhamento das aulas, por vários motivos. O principal deles foi o fato de eu não querer realizar o estágio em Salvador. Fui uma exceção, o acordo era deslocar os alunos até a Escola de Teatro para fazer a aula supervisionada. Porém foi à única professora que se dispôs a acompanhar o meu estágio e a me ajudar a realizar o desejo de estimular o teatro na comunidade. Eu estava disposta a enfrentar os obstáculos.

No final de aula fizemos como todos os dias: limpamos a sala, organizamos as cadeiras e juntos carregamos os instrumentos até a minha residência. O que diferenciou este dia foi que os alunos desceram batucando e numa mesma sintonia. Sem combinar começaram a performatizar, e de repente, alguém se aproximou e deu-lhes umas moedas. Logo se viram pedindo dinheiro na comunidade de uma forma involuntária. Eles estavam com fome, meio dia e me preocupava muito, tive medo do que os pais iam pensar, mandei que fossem para casa, mas eles desobedeceram e como se não bastasse, foram buscar os outros que já haviam ido para casa. Estes, por sua vez, já estavam acomodados e almoçando, mas mesmo assim acompanharam o grupo. Em torno de 2h as crianças já haviam arrecadado 50,00 e entregaram em minhas mãos com a seguinte frase: “*aqui está o dinheiro para comprar as esteiras professora!*”. “*A união faz a força*” e eles descobriram rápido o sentido de ser artista. O meu deslumbramento só aumentava, vi o teatro renascer em meu bairro e estava muito feliz.



Figura 4: Participantes da oficina em cortejo para à arrecadação planejada de recursos

O encontro seguinte foi com os pais dos alunos. Iniciamos uma reunião às 10h na Escola As Três Marias, tendo como pauta a confecção de figurinos, o ensaio geral em Salvador, a mostra cênica, além de outros assuntos transversais. Participaram da reunião quatro mães, e essas se mostraram felizes pelo envolvimento de seus filhos com o teatro. Percebendo tamanha felicidade, pontuei que algumas vezes as crianças não chegavam pontualmente nos ensaios, chegavam indispostos, ou em alguns casos se ausentavam. As justificativas em sua maioria, é porque estavam de castigo, ou que tinham tarefa escolar, ou estavam proibidos de ir ao encontro. Sugeri então que elas me ajudassem com as crianças, aconselhando-as a chegar pontualmente nos encontros, não proibi-las de vir e que passassem a enxergar a oficina de teatro como uma atividade séria, assim como a Escola, o Karatê, a Dança, a Capoeira. Convidei-a juntarem-se a nós, acompanhando-nos nas viagens e como três delas eram costureiras, podiam também ajudar-nos com os figurinos, contribuir com um lanche, etc. Elas concordaram e se mostraram dispostas a unir forças. Uma das costureiras se dispôs a costurar os figurinos, sendo a nossa tarefa, a de entregar os tecidos, elástico, linha e botão. Outra mãe contou-nos sobre o desempenho de seu filho em casa depois do teatro, o interesse pela leitura, a concentração em decorar o texto, além do cumprimento com as atividades domésticas, pois eles têm que ajudar nos afazeres de casa. Uma delas contou que ameaçava

tirar o filho do teatro, caso este fosse reprovado na escola, não ajudasse nos afazeres de casa, ou desobedecesse, e prometeu não mais fazer isto depois do que ouvira na reunião.

No grupo temos uma aluna que se chama Mariana, 9 anos, hiperativa, todos no bairro a conhecem, sua mãe a tira de todas as atividades extraclasse, por conta de “sua teimosia” e de todas as queixas que chegam até sua casa. Convencer a mãe de Mariana a não repetir esse gesto com o teatro foi difícil, pois a mesma já estava desacreditada quanto à mudança de comportamento da filha. Mariana, inteligente e ágil, se mostrou uma ótima atriz e não podíamos perdê-la. Era preciso que eu estivesse a par da vida das crianças, em seus contextos familiares, escolar, social e buscar esse diálogo – junto aos pais. Isso só veio a melhorar a assiduidade dos alunos na aula, e o comprometimento com o trabalho.

Neste mesmo dia, no período da tarde, os alunos se reuniram mais uma vez por conta própria e organizaram “um arrastão” para o arrecadamento de verbas. Pintaram os rostos, colocaram roupas coloridas, pegaram instrumentos e conseguiram convencer o meu pai, Paulo Rasta e Gliuson, a seguirem com eles pelas ruas da comunidade. Eu havia informado que eles só poderiam fazer isso na presença de um adulto – nesse momento eu precisei ir a Salvador – eles se organizaram e me ligaram depois felizes. Além de terem ganhado 10m de tecido, arrecadaram 100,00 (parte do dinheiro foi investido na compra de garrafa de água para cada um). Nesse mesmo dia Dona Marina, avó de uma das crianças, iniciou a confecção dos figurinos de nossa apresentação.

Após o meu retorno, nos concentramos nas atividades sobre a divisão das funções para que o teatro aconteça: ator, diretor, iluminador, figurinista, sonoplasta, cenógrafo, maquiador. Foi importante discutir sobre esses detalhes, e as crianças se mostraram interessadas em saber dessas informações. No momento seguinte fechamos a reunião com os detalhes acerca do figurino e material de cena.

Todos estavam na produção, inclusive duas meninas que faltavam no início do processo, e que precisaram ser substituídas. Para não deixá-las de fora, as envolvi na produção do cenário, auxiliando com a lista de presença e com o lanche. Ao fim, em virtude da ausência de outros participantes, as meninas integraram o elenco, tornando-se curingas²¹. No início elas não gostaram da ideia, mas depois compreenderam de que esses papéis também eram importantes, e que o teatro não se resume apenas ao ator, mas ao que acontece em seu entorno: antes, durante e depois do espetáculo.

²¹ Para saber mais sobre a função de coringa no teatro, pesquisar a obra de Augusto Boal.

Estávamos prontos para viajar para Salvador, finalmente íamos realizar a nossa aula supervisionada, que infelizmente não aconteceu. O ônibus que solicitamos a prefeitura nos foi negado por questões burocráticas, e ocorreu também a indisponibilidade de algumas crianças. O grupo se mostrou chateado com os que estiveram ausentes, e “crucificaram” os que, de certa forma, atrapalharam o ensaio, pois havíamos agendado com antecedência, além de que a apresentação aconteceria no dia 29 de novembro, sendo adiada para o dia 06 de dezembro de 2014. Retomamos com um último ensaio, no mesmo lugar, mas as coisas não seguiram como imaginávamos.

Em 30 de novembro comemora-se a festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em São Francisco do Conde. A maioria das meninas se vestiu de baiana, para esse cortejo, então tivemos que ensaiar os núcleos, as músicas, movimentações e aproveitamos para gravar uma chamada de vídeo para a nossa apresentação. Foi a maneira que encontrei para que a aula/ensaio não ficasse enfadonha por conta dos desfalques, porém não durou muito tempo.

Na véspera da apresentação, a sensação era de que todo o trabalho estaria caindo por terra. Uma sucessão de acontecimentos negativos me fez pensar que todo o trabalho construído acabaria naquele instante. O ônibus que havíamos solicitado a Prefeitura me foi negado, mães que proibiram as crianças de fazerem o espetáculo, pelo motivo de terem ficado em recuperação, o figurino que não ficou pronto a tempo, além de outros fatores que me preocupavam.

Trabalhar com comunidade é estar preparado para esses imprevistos, e este foi mais um aprendizado consumado depois de lágrimas derramadas. Ver todos envolvidos e preocupados, e mesmo eu estando deprimida, foi satisfatório. Eles choravam junto a mim, iam à busca de soluções, foi um verdadeiro trabalho de equipe.

3. DA PONTE PARA O PALCO



Figura 5: Estréia do espetáculo São Bento Buraco Velho Tem Cobra Dentro no Teatro Martins Gonçalves

Enfim, o grande dia. Saímos de São Francisco do Conde às 08h, na viagem, as crianças juntamente com os pais e os músicos, cantavam, brincavam e oravam. Eles estavam focados no trabalho e era bonito ver todo o comprometimento das crianças, em sua maioria de 7 e 8 anos. Para mim, ali começava o espetáculo. Eles estavam colocando em prática tudo o que haviam aprendido. Chegamos à Escola de Teatro por volta das 09h30min, e eles ainda conseguiram assistir a dois espetáculos que se apresentaram antes do nosso, o dirigido por Laís Almeida e o dirigido por André Cardoso, colegas de turma da Escola. As crianças estavam radiantes com tudo que o viram, com o palco, as pessoas, o camarim, e pareciam que já faziam teatro há muito tempo.

Cada um cuidou da sua produção, e na hora de entrar em cena eles deram conta do recado, entraram dominando a cena e o palco do Martin Gonçalves. Eu admirava a distancia, a expressão das pessoas da plateia, e via os sussurros, respirações profundas e olhos lacrimejantes. Foi um vibrar de emoções. Pude experimentar intensamente o ser diretor, e este atua tanto quanto o ator. O momento mais marcante da apresentação foi quando Mariana, a aluna “hiperativa” saiu de cena e entrou na coxia onde eu estava e disse: “*professora me*

perdoe, eu esqueci o que senhora disse sobre a coxia, que não é legal esteticamente entrar pelo mesmo lado da coxia em que saiu". Emocionada, e antes que ela se desconcentrasse disse-lhe: *"Não tem problema, depois falamos sobre isso, você tem que entrar agora"*. E ela entrou.

Após a apresentação, ver todos eles chorando foi mesmo que chuva de verão em dias em que o sol está bem quente e brilhando. Os aplausos, gritos... Enfim, era chegada a hora de arrumar as malas e voltar para casa com o dever cumprido. Enquanto nos arrumávamos, uma aluna, Saynara em meio a toda a euforia, pediu silêncio a todos solicitando total atenção: *"Se antes eu já sabia que o que eu queria pra minha vida era fazer teatro, imagina agora? Agora é que eu nunca mais me afasto do teatro!"* E a euforia se instalou novamente.

3.1 E o tempo não para: projeto "É nós a-ponte"

Como resultado da pesquisa foi criado o projeto É NÓS A PONTE, O objetivo principal deste projeto é se apropriar de um espaço mal utilizado pela comunidade de São Bento e desenvolver um trabalho que proporcione para a comunidade, arte, cultura e lazer. Trata-se de uma ponte que cruza a Drena 1 e a Drena 2, principais ruas do bairro de São Bento. Em cima dessa ponte foram construídas casas, estabelecimentos comerciais, parte dela cedeu e uma parte livre passou a ser ponto de encontro de usuários de drogas, que na maioria das vezes eram abordados pela polícia. Juntamente com alguns companheiros mais as crianças da oficina, resolvemos ocupar este espaço com atividades artístico-culturais. Iniciamos com a apresentação do espetáculo "São Bento Buraco Velho tem Cobra Dentro", onde pudemos oportunizar às pessoas do bairro assistir e apreciar ao espetáculo, já que a grande maioria ainda não havia tido acesso e não haveria local mais oportuno do que a ponte. A partir daí os nossos ensaios passaram a ser abertos ao público, e sempre que acontecia a comunidade formava plateia, uns da janela, outros da varanda, outros ainda na própria ponte, por todos os cantos. Fizemos da ponte o nosso palco, o nosso território, queríamos demarcar espaço.

O mais curioso foi o impacto que isso causou. Alguns moradores se sentiram incomodados e começaram a ocupar a ponte com materiais de construção, entre outros entulhos, gerando uma competição – eles se sentiram ameaçados na perda do espaço, e a ideia era uns "boicotarem" os outros. Era importante ver a arte imperando. Quando íamos realizar alguma atividade, procurávamos os donos dos materiais, ou carro, moto que estivessem na ponte e pedíamos para retirar e assim era feito sem conflitos, a prioridade era a arte.



Figura 6: Apresentação do espetáculo na ponte

A segunda atividade realizada na ponte foi o “Cinedadania”, um espaço de expressão que busca estratégias inovadoras para a educação e para a circulação de ideias entre os países membros do Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela). A intenção é reunir pessoas interessadas nesse processo de imersão e troca, através da produção de eventos culturais que utilizem o cinema aliado a outras formas de expressão artística, para o micro dialogar com o macro. O Cinedadania fez uma intervenção que durou três dias e impactou a comunidade de São Bento das Lages, principalmente aqueles que nunca foram ao cinema, o que é uma maioria. Através de um amigo que conheci no Rio de Janeiro, Rafael Teixeira e que logo depois veio à Bahia, consegui levá-lo até o meu bairro. Ele pôde nos agradecer com o projeto de cinema nas comunidades. Junto a alguns moradores do bairro montamos um telão, limpamos a ponte e instalamos o cinema. A movimentação para entender o que estava acontecendo era grande, e as pessoas só sossegaram quando viram o cinema “acontecer”. Mais tarde as cenas se repetem e vemos as pessoas na varanda, na janela, na porta de suas casas, crianças, jovens e adultos na ponte – na nossa ponte – sentados em tapetes, lonas, cadeiras, outros ainda em pé. Em alguns momentos apareciam bacias de pipocas, que os moradores faziam e eu levava para todos. As sessões contavam com curtas educativos, políticos, culturais, que prendiam a atenção de todas as idades, os aplausos ao final de cada curta se davam em todas as direções, a catarse acontecia.

Em um dado momento, exibimos um vídeo do povo da comunidade que Gluison, seu Paulo e outros colaboradores, juntamente com as crianças do Projeto Mais Cultura haviam realizado; eram as entrevistas de alguns moradores, que contavam histórias sobre São Bento. Esses vídeos foram editados e para a surpresa da comunidade estavam sendo exibidos, para que todos tivessem acesso e pudessem ver o resultado do trabalho. Quando as pessoas se viam no vídeo era um misto de alegria e nervosismo. Dona Filó, uma senhora do Drena, correu para casa ao se ver no vídeo. De uma forma intensa a confraternização se fazia presente e isso durou três dias, com a finalização de uma oficina onde as crianças desenhavam, escreviam com tinta no papel as suas impressões a respeito do Cinedadania. Com o material produzido, fizemos um varal expositivo e deixamos pendurado na ponte. Rafael e eu não sabemos quanto tempo durou o varal porque tivemos que voltar para Salvador. Segundo informações, no decorrer da semana as crianças iam arrancando a sua arte do varal e foram levando pra casa, quanto aos outros trabalhos, estes foram desmanchados pela chuva.



Figura 7: Cartaz do cinedadania na região da ponte

A terceira intervenção ocorreu com a oficina de Toni. Ver as pessoas envolvidas na oficina foi mágico. Um senhor de quase 60 anos, com a garota de 9 anos, aprendendo técnicas de contação de histórias sem sentir que estavam aprendendo o que já sabiam, só que inconscientemente. Cada jogo aplicado por Toni impressionava-os. Em nenhum momento eles se subestimavam, cada um dentro de suas limitações acompanhavam as atividades sem hesitar.

Em um jogo muito simples que ao mesmo tempo exige do jogador agilidade, concentração e união, o grupo se encontrou. O jogo seguia da seguinte forma – em círculo era feita a proposta de contarmos de 1 a 20, na ordem da numeração, sem estabelecer quem conta depois de quem. Esses números tinham que ser contados na sequência sem combinar. O único código é o olhar e a sintonia, por isso tem que ter o máximo de concentração. Não pode haver choques de números iguais, ou seja, se duas pessoas cantarem o mesmo número ao mesmo tempo voltávamos para o número 1. O esforço do grupo para alcançar o sucesso na Contação dos números era contagiante. Eles depositavam muito empenho e seriedade no que estava sendo proposto. Pessoas que em sua maioria nunca haviam feito uma oficina de artes antes, estavam completamente envolvidas. Esse jogo, foi um dos jogos propostos por Sotegui Kouytê em oficinas no Brasil. Além de trabalhar agilidade e concentração, havia a busca de harmonizar a energia do grupo.

O momento de maior emoção foi quando cantamos, em uma só voz, uma música ensinada por Toni. A música foi ensinada por contadores da Costa do Marfim, conhecidos em Burkina Faso. A canção significa um agradecimento a Deus por tudo o que nos permite ter e viver, por toda bondade que nos cerca e que existe em nós. Os olhares compartilhados, ao se verem falando outra língua, eram de estranhamento, mas todos estavam gostando da experiência. Sendo eu a responsável de levar até eles aquela novidade, me senti com muita responsabilidade, consciente de que o trabalho não podia parar ali. Era preciso dar continuidade, e naquele momento eu já arquitetava ideias de como seguir com o trabalho, com aquelas pessoas, em específico.

A oficina tinha que acontecer e vários obstáculos foram vencidos: o primeiro foi o horário da manhã de domingo, momento em que as pessoas costumam fazer almoço, arrumar as suas casas e passar o resto do dia proseando, bebendo cerveja, ou vendo TV. O segundo foi a negação do espaço da Escola, que por falta de organização e tempo não conseguimos obter a legalização para usar o espaço. Assim, com a permissão do guarda da escola, que pelo fato de me conhecer e já obter consciência das atividades que realizo na mesma, confiou a nós o acesso ao espaço e realizar a oficina de uma forma mais segura.

Se não conseguíssemos o espaço da escola para fazer a oficina, teríamos que realizar na ponte. A questão não é a ponte e sim todos os fatores que iriam contribuir para que a oficina não obtivesse sucesso - a chuva, o barulho, além da exposição. As pessoas que participaram da oficina, nunca haviam feito algo similar e estavam envergonhados, tímidos e acredito que

não teriam participado da oficina da forma como participam: descontraídos, entregues, dispostos. Outro fator, foi que no bairro comemorava-se a formatura de uma moradora, causando euforia nas pessoas que são próximas a mim e que eu podia contar com ajuda para organizar a oficina, ou até mesmo participar da oficina. Por último, o que deixou as pessoas do bairro mais inquietas, foi à morte de outro jovem de apenas 19 anos no dia anterior. O homicídio aconteceu no sábado, dia 11 de abril, por volta das 12h, sendo o corpo retirado do córrego no domingo. O fato demonstra a falta de segurança com o que o bairro tem que lidar nos últimos tempos.

Contudo, a oficina aconteceu e contou com 10 pessoas: Paulo, meu pai, minha tia Mira e seu esposo Gerson, meu irmão Adelmo, meu amigo Gliuson, um amigo de meu pai seu Luizinho, meus alunos Vitor, Mariana e Sainara. Muita prosa, antes, durante e depois da oficina. Para fechar com chave de ouro o evento, foi realizado um cortejo juntamente com as crianças da companhia de teatro APONTE É COMUM, esta companhia fora formada com as crianças do processo de oficina de estágio. Em grupo, saímos pelas ruas de São Bento com instrumentos, convidando as pessoas para assistirem o contador de histórias Toni Edson, na ponte. Passamos por algumas ruas fazendo o convite boca a boca, e a tarde, a ponte estava cheia de crianças e adultos acomodando-se para assistir ao espetáculo. Toni em sua apresentação faz uma sequência de cinco contos africanos. O público por sua vez, não se contentando com os cinco contos apresentados, manifestou-se para que mais contos fossem contados. Ao final, todos queriam tirar foto com o contador histórias.



Figura 8: Momento final da oficina e apresentação do contador de histórias Toni

As pessoas comentaram o acontecimento durante a semana, estavam felizes com o que viveram no final de semana. Meu pai despertou o desejo fazer faculdade e não fala mais em outra coisa. Ele havia deixado de frequentar a escola por alguns dias, e agora voltou com todo gás, ele diz *“estou decidido, vou sair do fundamental este ano e vou para o ginásio e logo depois farei faculdade, ninguém vai tirar isso da minha mente”*.

3.2. São Bento no palco da história

Neste subcapítulo apresento as pessoas que contribuíram para que este trabalho acontecesse. O mais difícil de selecionar algumas fotos, foi pensar na quantidade de pessoas que me ajudaram nessa empreitada. Porém, as pessoas que aqui aparecem representam todo o processo, mesmo não fazendo parte da comunidade.

Enquanto eu me debruçava sobre essa seleção, pensava em todas as gerações. Crianças, jovens e adultos, o tempo não para, e é justamente nessa concepção que o meu trabalho se adequa. Pude me apropriar das vivências das pessoas, com menos idade, que pouco sabe da

vida e com os mais velhos, que muito já viveu. Cada uma delas tem a sua graça, o seu encanto, a sua história – e a mistura disso tudo é muito significativa.



Figura 9: Dona Maria Felícia dos Santos, 109 anos, uma das primeiras rezadeiras de São Francisco do Conde, a representação da ancestralidade em São Bento.



Figura 10: Dona Maria de Jesus Paciência, 83 anos, mais conhecida como Dona Miúda. Minha avó



Figura 11: Maria da Conceição Pereira, 52 anos, mais conhecida como Sinha do Lanche. Minha mãe



Figura 12: Mariana Paciência, 11 anos, atriz que obteve destaque na montagem pela sua graça e encenação.



Figura 13: Sanatra grande colaboradora e que esteve presente em todo o processo do estágio, e nos trabalhos com a comunidade e seu Antony.



Figura 14: Valdice Barros musicista que fez participação no espetáculo São Bento Bruraco Velho tem Cobra Dentro, com sua linda manobra com o trompete, e Pingo morador da Drena I.



Figura 15: Dona Ozania, mais conhecida como Vovó.



Figura 16: Gluson do Carmo e sua filha Ana Julia. Agente cultural de São Bento. Traz muitas motivações para que o trabalho não pare.



Figura 17: Francisco Paulo dos Santos, 55 anos, meu pai, agente cultural em São Bento, responsável por muitos eventos que contribuíram para a alegria da comunidade.



Figura 18: Adelmo Pereira, meu irmão, grande colaborador, músico do espetáculo *São Bento Buraco Velho Tem Cobra Dentro*. A pesquisa o motivou a voltar à ativa, a querer movimentar a comunidade, como fazia antes.



Figura 19: Antony Rozeira um dos atores mais caçula, que muito motivava a equipe, com sua graça e seu brincalhão jeito de ser.



Figura 20: Rafael Teixeira, idealizador do projeto Cinedadania, muito colaborou para a socialização e entretenimento na comunidade.



Figura 21: Toni Edson, contador de histórias, disponibilizou um pouco de seu precário tempo para contribuir com a arte educação na comunidade.

Do mais velho ao mais novo, cada um com sua particularidade, que através dessa representação visual, reproduz e registra momentos que para sempre ficarão em nossas memórias. Eles estão aqui documentados, para que os leitores possam apreciar, se estimular ou simplesmente se sentirem tentados a realizar trabalhos com pessoas como estas, capazes de nos transmitir muita sabedoria da forma mais humana.

Cada uma dessas pessoas tem seu aspecto particular pelo qual é lembrado nos gestos mais simples, mais saudáveis, mais puros. É justamente esta simplicidade que me toca, que me faz ser quem eu sou e que desperta em mim a vontade de seguir a diante com o olhar no presente sem esquecer as minhas raízes.

A FONTE QUE NÃO PODE SECAR

De fato, se desejamos escapar a crença de que esse mundo apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. o primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro o mundo como ele pode ser: uma outra globalização. (SANTOS, 2006, pág. 9)

A principal tentativa da globalização é padronizar o mundo, essa tentativa veio fazer com que o universo da cultura popular agonizasse para sobreviver. Mesmo que usufruindo da cultura globalizada, a luta pela continuidade da tradição ainda é presente na comunidade de São Bento. No contexto social em que estamos inseridos, a voz do povo é cruelmente submergida. O povo de São Bento tinha muito a falar então tentamos através do teatro com foco na oralidade fazer com que essa voz dominasse a cena e revelasse a memória do bairro através das histórias contadas. O objetivo era dar voz e vez à tradicionalidade que termina por ser invadida pelos fatores modernos que a cada dia estão submergindo a cultura popular. Em São Bento essa submersão fere diretamente os valores tradicionais. As histórias contadas pelos mais velhos da comunidade revelaram um contexto em que a cultura popular, as tradições, tinham um valor significativo para as pessoas. Grupos culturais tinham o seu fazer pautado no prazer, acreditavam no que fazia como uma missão.

Os elementos da contemporaneidade beneficiaram as pessoas, no sentido de facilitar as atividades do dia a dia e as resoluções dos problemas, mas acarretaram também muitas consequências para o bairro, como por exemplo a perda de valores familiares, comunitários e sociais. Os depoimentos das pessoas traziam um misto de saudade, medo, lamentação e esperança. A vontade de que os jovens revivessem esses valores que estavam sendo extintos, ficavam explícitos nas suas falas. O próximo passo era escutar o que as pessoas tinham a me falar e trabalhar para que tudo o que fosse compreendido viesse a ser representado pelas crianças da forma mais sensível e divertida. E assim foi feito, as crianças da comunidade deram um show de espetáculo e segundo os depoimentos, a população se identificava com o que estava vendo em forma de teatro.

O bairro de São Bento perdeu muitos valores que foram devorados pela cultura de massa. Porém ainda hoje existem no bairro, grupos que sustentam a cultura popular, a tradição, mesmo com todas as dificuldades. Em geral as pessoas ainda acreditam nas lendas, nas superstições. Crianças ainda brincam no quintal. Mesmo assim é muito pouco diante da história que o bairro tem, cujas transformações impactaram na biodiversidade.

Segundo Brecht (1967, p. 187), em concordância com Aristóteles “*A narrativa é a alma do drama*”. É o que percorreu todo o trabalho. Não haveria de ser um trabalho tão eficaz se não fosse por esse caminho da contação de história. O povo de São Bento tinha muito a falar, e que bom pudernão podia ser mais uma a impedir que essa voz fosse roubada da cena.

Brecht ainda continua “*Incomoda-nos cada vez mais o primitivismo*”, (1967, p. 187), de fato o antigo, a tradição, é vista como “cafona”. No decorrer do trabalho alguns adolescentes foram desistindo, eles não quiseram continuar, principalmente por ser em horários e dias de lazer, como sábados, domingos e feriados. A referência de teatro que eles tinham eram as novelas, logo eles não conseguiram ver semelhanças entre as novelas e o teatro proposto. Queriam algo mais “atualizado”. Eles se divertiam com os jogos, os exercícios, a convivência com os colegas e até com a montagem, mas o cenário contemporâneo, plenos de estímulos e novidades falava mais forte para alguns, em especial para os com mais idade.

“*O teatro permanece teatro, mesmo quando é teatro pedagógico e, na medida em que é bom teatro, é diversão*”. (Brecht, 1967, pag. 99). Eu tinha em minhas mãos duas preciosidades, a História Oral e a Comunidade. Foram muitos dias em que fiquei estática, sem saber o que fazer com tanta riqueza e acredito que depois de longas noites sem dormir, pensando por onde começar, eu fiz a escolha certa, já que bairro fervilhava de cultura, arte, tradição.

Assim como para os aldeões africanos, contar histórias é uma manifestação da vida cotidiana, (A tradição viva por Hampaté Bá, 1977). Estávamos tendo o prazer de viver isso também. Um momento que não foi proporcionado apenas para as crianças da oficina, ou para os mais velhos que há muito tempo não “proseavam” com pessoas mais jovens, pelo fato destas, não terem paciência para o tempo-ritmo deles. Eu fui privilegiada com esses momentos vividos no decorrer da pesquisa. Uma questão me inquietava. Eu me questionava o porquê de esperar por algo, como esta monografia, obrigatória, para me permitir viver momentos como esses? Percebi que estava alienada, por deixar de lado a tradição a qual fui introduzida muito nova. O contato com a palavra em minha vida foi muito intenso. Já diz o Hampaté Bá, (1977) “o que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho (...) em suma: a ligação entre o homem e palavra”.

Esse contato com a palavra privilegiou as pessoas da oficina, elas aprenderam a valorização das pessoas mais velhas, das informações que elas transmitem, além de aprender a interpretá-la. A relação das crianças com essas pessoas se tornou viva, posso perceber o contato entre elas de uma forma aberta. Vejo-as conversando, brincando, cantando juntas, fazendo samba e de uma forma recíproca, os mais velhos aprenderam a respeitar o posicionamento das crianças, a opinião, o tempo delas. Uma relação de respeito, sobretudo.

Acredito que essa relação tenha se fortalecido também, por conta das apresentações na ponte e na escola As Três Marias. Esses locais foram onde as pessoas da comunidade puderam assistir ao espetáculo. Ficavam muito felizes enquanto assistiam e depois das apresentações eram muitos corteses com as crianças. Não se tratava mais de uma criança comum, eram as crianças do teatro, ou as crianças que trabalham com Natalyne, a filha de Paulo e Sinhá. As pessoas paravam as crianças na rua e pediam para estas fazerem o personagem. O engraçado é que tanto as crianças que faziam parte do elenco, quanto a outras crianças da comunidade, sabiam o espetáculo ao pé da letra. Uma passava para a outra nos momentos de brincadeiras, de recreio da escola, em todos essas ocasiões, o teatro e as histórias estavam presentes. Eles não conseguiam restringir apenas aos ensaios, até as mães sabiam o texto, as cenas, cheias de orgulho.

Todo trabalho realizado serviu de estímulo para dar continuidade às ações em São Bento, o que resultou no projeto “É nós a-ponte”, e na associação, cujas obras já iniciaram. São obras feitas por meu pai e eu, nós dois colocamos a “mão na massa”. Além do entusiasmo oferecido pelos moradores nas ações prestadas, houve também as atividades propostas pelos

convidados, que muito contribuíram para o fortalecimento da arte, cultura e lazer em São Bento, dando aos moradores boas programações para os finais de semana.

Os convidados como Rafael Teixeira, Toni Edson, são bem lembrados pelas pessoas e o número de interessados em querer fazer teatro só aumentou. A questão é que além de mim, não há ninguém na comunidade que possa prosseguir com as atividades de teatro, ao mesmo tempo em que o trabalho realizado teve muito apoio, união, me vejo em muitos casos, em um trabalho solitário. Se eu não estiver lá, as atividades teatrais não acontecem. Os mais velhos do grupo até tentam reunir todos e ensaiar, mas os desentendimentos e a imaturidade não deixam as coisas fluírem, é preciso a presença de um líder para que o grupo caminhe, e este líder precisa ser considerado e respeitado com tal. Com isso percebe-se que a minha tarefa se torna ainda mais prolongada, em ter que alimentar essa arte para que as crianças continuem a desenvolver teatro e cresçam com esse acesso, para que possam transmitir para outras crianças. Dessa forma fundamos a Companhia de Teatro **Aponte é Comum** e em passos lentos, estamos cuidando para que dure por muitas gerações.

Como dizia o compositor e cantor Cazuzá “*O tempo não para*”. O que não pode acontecer é perder de vista o que há certo tempo vinha-mos tentando recuperar: o teatro na comunidade de São Bento.

“A educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas” (Hampaté Bá, 1977). É nesta educação que eu acredito. Ao longo do trabalho tentei fortalecer nas crianças o valor familiar, essa educação que ninguém pode nos tirar. Por isso busquei estar sempre em contato com os familiares das crianças, em especial com as mães, que são as mais envolvidas na vida delas. Elas depositavam em mim a confiança de levar e trazer os seus filhos de volta para casa.

Todos esses fatores me fizeram refletir a importância desse trabalho nas comunidades. Acredito que todas as comunidades deveriam ser contempladas com trabalhos assim, em que a educação sociocultural, paralela à educação tradicional, estivesse em diálogo constante, envolvendo pais, filhos e a comunidade em que estes estão inseridos. A comunidade é muito grata a essa iniciativa, é como se tivéssemos fazendo o que a comunidade, em sua maioria, têm vontade de fazer, mas não tem todo o preparo necessário. Quando alguém faz, a comunidade abraça.

Sempre que eu ando pelas ruas de São Bento, sou parada por moradores e em poucos instantes vinha um elogio, um agradecimento um cumprimento diferenciado e em muitas vezes um abraço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **1925-comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do teatro**. Trad. Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sergio Coelho & Clovis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 13 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BRECHT, Bertolt. **Teatro Dialético**. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1967
- CALDAS, Albertos Lins. **Oralidade, texto e história- para ler história oral**. São Paulo: Ed. Loyola 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo, 1920. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à Prática educativa de Ensino**; São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo (1989). **A importância do ato de ler: em três artigos que se Completam**. 15. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- GAYOTTO, Lucia Helena da C. **Voz: Partitura da ação**. São Paulo: Plexus, 2000.
- LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006. — (Coleção primeiros passos; 39)
- MARTINS, Maria Silvia Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância**. Campinas: Mercado de Letras 2008.
- MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade: (re) inventando o Sertão Nordestino da década de 70**. São Paulo: Annablume, 2004.
- MILET, Maria Eugenia Viveiros. **Uma tribo mais de mil – O teatro do CRIA**. Artes. Maria Eugênia Viveiro Milet. Salvador – Bahia, 2002.

- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- PACHECO, Lilian, **Pedagogia Griô: A Reenvenção da Roda da Vida**. Lençóis 2006.
- PAVIS, Patrice. **O teatro no cruzamento das culturas**. Tradução Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PEREIRA, Analúcia Danilevicz, VISENTINI, Paulo Fagundes & RIBEIRO, Lins Dario Teixeira & **História da África e dos Africanos**. Petropolis: Vozes, 2014.
- SANTOS, Idelett Muzarte-Fonceca dos. **Memória das vozes: categoria, romance, e cordel**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia da Bahia.
- SANTO, José Jorge do Espírito. **São Francisco do Conde – Panorama geográfico e sócio econômico**. Feira de Santana: Granifort, 1985.
- SANTO, José Jorge do Espírito. **São Francisco do Conde: Resgate de uma Riqueza Cultural**. São Francisco do Conde, 1998.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – (é esse travessão mesmo, não seriam dois pontos? Título seguido de subtítulo. Observe também os outros – que estão com esse travessão...)** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da critica da geografia a uma geografia critica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais – O fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A Construção da Personagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

ANEXOS

Questionários pré e pós-oficina

| OFICINA DE TEATRO- SÃO BENTO, BURACO VELHO TEM COBRA DENTRO | | | |
|--|--------------|----------------------------------|---|
| NOME | IDADE | O QUE ENTENDE POR TEATRO? | CONTE-ME UM POUCO SOBRE SÃO BENTO... |
| | | | |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | | |
|--|--|--|--|

| |
|---|
| QUESTIONARIO-SÃO BENTO, BURACO VELHO TEM COBRA DENTRO |
| PARA VOCÊ O QUE FOI O PROCESSO DE OFINA E O QUE ACRESCENTOU A SUA VIDA TER EXPERIENCIADO ESTE PROCESSO? |
| |
| CONTE-ME UM POUCO SOBRE O QUE VOCÊ VIVENCIOU? |
| |
| COMO FOI APRESENTAR NO TEATRO MARTINS GONÇALVES? |
| |
| VOCÊ QUER CONTINUAR FAZENDO TEATRO? |

Lista de presença

São Bento Buraco Velho tem Cobra Dentro

Lista de Presença

DATA -----\ ----- 2014

| NOMES | ASSINATURA |
|--|-------------------|
| 1. Saynara Roseira Miranda | |
| 2. Alessi dos Santos Paciencia | |
| 3. Mariana Paciencia de Souza | |
| 4. Janayna Vitória dos Santos Machado | |
| 5. Sayla Roseira Miranda | |
| 6. Anthony Roseira Miranda | |
| 7. Thony Roseira Miranda | |
| 8. Maria Heloiza Rozeira de Jesus | |
| 9. Lucas Moreira | |
| 10. Jennifer Souza Fonseca | |
| 11. Luis Vitor Rozeira de Jesus | |
| 12. Wellington Lemos dos Santos | |
| 13. Liliane dos Santos Paciencia | |

| | |
|---|--|
| 14. Yasmim Santos Siqueira Silva | |
| 15. Vitoria Santos Siqueira Silva | |
| 16. Lizia Francine de Jesus Santos | |

Texto dramaturgico

SÃO BENTO, BURACO VELHO TEM COBRA DENTRO

Texto colaborativo

Direção:

Natalyne Santos

CENA I

Em cena uma esteira no chão, os atores entram logo em seguida tentando reconhecer aquele elemento, como em uma terra desconhecida sendo representada por uma esteira, ficando todos a sua volta. Na medida em que vão tentando reconhecer, tocando, cheirando, sentindo, vai interagindo um com o outro, até que juntos com a troca do olhar levantem a esteira e dancem e cantem com ela, no centro dela estarão uns chapéus de palha que voarão alternadamente.

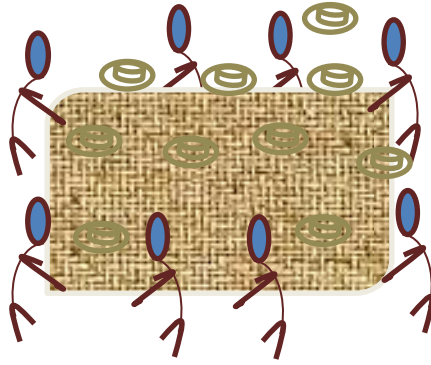
Musica: Cadê Ioiô

Dona Fia, cadê Ioiô, cadê Ioiô?

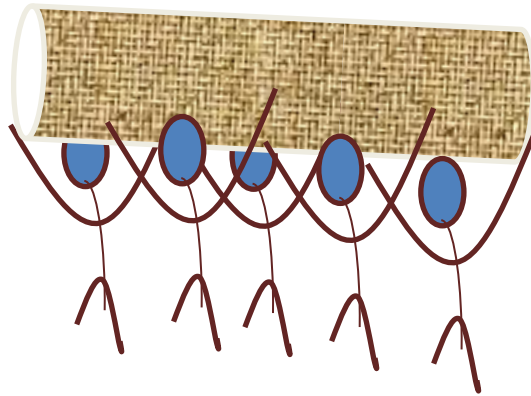
Cadê Ioiô, Dona Fia, cadê Ioiô?

Cadê, cadê, cadê Ioiô?

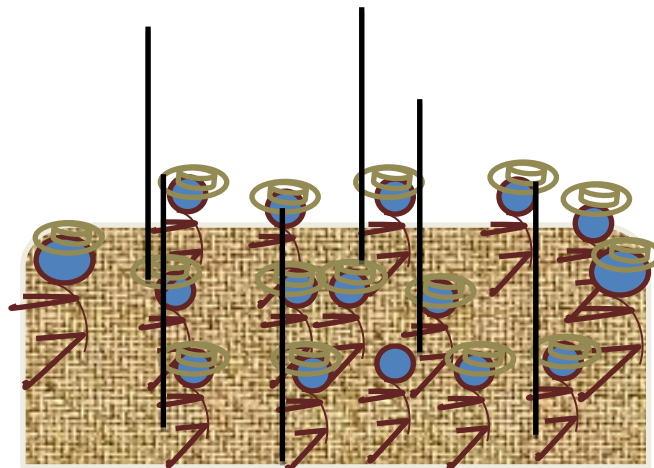
Cadê, cadê, cadê Ioiô?



Essa musica será cantada duas vezes dançando segurando a esteira e duas vezes com a esteira enrolada nos ombros, onde farão uma volta inteira no palco como num cortejo, nessa volta pegarão umas varas de pescar que estarão em lugar estratégico e devolverão a esteira ao chão.



No centro da esteira terão chapéus de palha, onde cada um pegará um chapéu e colocará na cabeça. Em seguida assenta na esteira fazendo dela uma canoa. Quando rema...rema...rema e navega, navega, navega e sente falta de alguém.



Pescador 1- gente, gente! Para essa canoa, para essa canoa!

Pescador 2- o que foi criatura? Quer matar o povo de susto?

Pescador 1- ta faltando gente! Ta faltando gente!

Pescador 3- verdade, faltando gente!

Pescador 4- menos verdade! Vamos segui viagem!

Pescador 5 e 6- não! Falta seu Zé!

Todos- seu Zé? Seu Zé!

Todos começam chamar por ele

Todos- seu Zé! Seu Zé! Seu Zé!

Pescador 5-cês acha que nesse marzão de meu deus ele vai escutar? Vai nada moço!

Pescador 6- então vamos segui viagem!

Eles seguem viagem cantando alegremente...

Muzuá

Meu muzuí decá

Meu muzua decá

Que eu fui pescar

Meu muzuímuzuídecá

Decá muzazuá

Que fui pescar

É maré cheia

Meumuzuí

É maré cheia

Muzadecá...

Maré vadeia....

Chegando na terra, enrola a esteira, como se fosse amarrando a canoa, dois atores levam a esteira embora da cena e os demais vão para as suas atividades diárias. Congela. Lavar roupa, catar marisco, costurar, bordar...todas essas ações são congeladas quando entra um Griô.

Griô- quem disse que seu Zé voltou? (da risada) voltou nada menino, esse velho me aperrea!fiquei meio que doida, atrás desse homem... passou foi,deixe vê...duas lua e dois sol,todo mundo gritava, uai, uai, cadê Zé ave, e um grita daqui e outro de lá,e corre,corre,pega, pega e não é que o homem apareceu e vivo! Vivo como um dia de verão...

CENA II

Os atores descongelam e ainda em suas ações cotidianas iniciam um canto, que é solado por uma atriz e logo acompanhado pelo coro...

Ôa ô aí topei quero ver cair

Ôa ô aí topei quero ver cair

Coro- Ôa ô aí topei quero ver cair

Ôa ô aí topei quero ver cair...

Estão todos na maior cantoria, quando São interrompidos por dois pescadores que entram eufóricos com a esteira nos ombros. Fazendo a maior confusão!

Homem 1e 2- meu povo! Meu povo! Acode aqui!Acode aqui!

Todos se aproximam e abrem a esteira, ficando a volta como um semi-circulo,abrem a esteira e dentro estará seu Zé Alves. Deitado como se tivesse morto e todos admirando.

Morador 1- será que morreu?

Morador 2- vira essa boca pra maré de vazante!

Morador 3- e se morreu fazer o que? Amanhã faz dois dias!

Morador 4- eu acho que não morreu! A ponta do nariz dele ta muito corada!

Todos começam a falar ao mesmo tempo...

Morador 5- vamos deixar de fuzuê! Oxi, não ta vendo que o home ta respirando! Eu tenho aqui, umas folha de eucalipto, vou colocar no nariz do cabra e ele vai acordar em dois tempos!

Todos começam fazer a reza de santo Antônio, com muita fé e devoção, quando se assusta com zeave gritando.

Todos- "Bendito seja Deus, em Seus anjos e em Seus santos" Oh! Santo Santo António, lírio dentre os santos, vosso amor a Deus e caridade por vossos irmãos, fez-vos digno, quando na terra, de possuir poderes milagrosos. Incentivado por este pensamento, eu te imploro que obtenhas para mim a vida de Zéave!

Zé- Candinha!,Candinha!Dacá água! Dacá água!

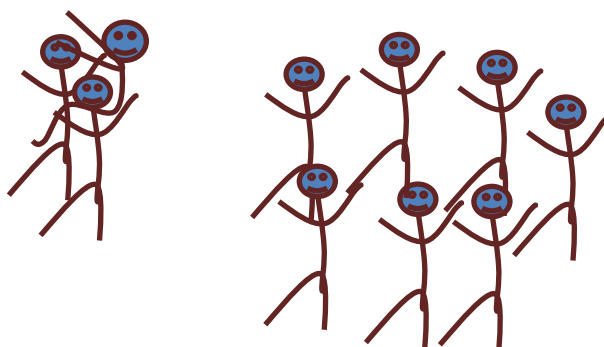
Todos comemoram a volta de zé...

Todos- seu Zé! Heeeeeee!!!!

Congelam e entra agrião... ao som de um trompete...

Griô- (rindo) Candinha! Candinha! Dacá água! Da cá água! (ri) foi 4 litros de água, desse de garrafa pet, foi uma festa que só! Ô home ruim, não é que viveu dois dias encima da arvore, dentro do manguê do tremidó. Disse que foi por causa do santo Antonio dele...esconderam, deram fim...sei lá. Ele era devoto fervescente. (risos)

Todos descongelam e inicia a procissão de Santo Antonio, levantando seu Zé Alves e colocando-o nos ombros, aele é entregue a imagem do santo, onde o mesmo beija, acaricia, abraça com muito fervor. Enquanto todos cantam e comemoram.



*Que seria de mim meu Deus
Sem a fé em Antônio
A luz desceu do céu
Clareando o encanto
Da espada espelhada em Deus
Viva viva meu santo!*

Zé- viva Santo Antônio!

Todos- viva!

CENA III

A procissão vai se desfazendo e formam-se dois coros, como em um duelo.

Coro 1- isso aconteceu?

Coro 2- unhum...aconteceu!

Coro1- aconteceu! Onde?

Coro2- em são bento!

Coro1- são bento? São bento onde?

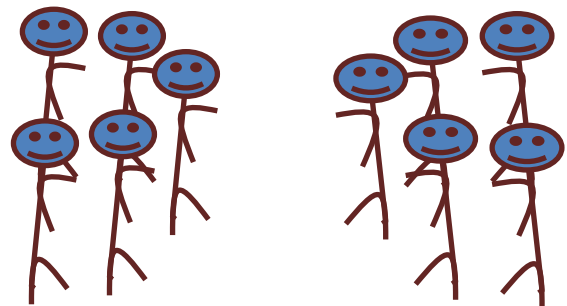
Coro 2- são bento, aqui!

Coro1- são bento...aonde!

Coro 2- são bento sim!

Duelo fica mais forte...

Coro 1- o que é que são bento tem?



O que é que são bento tem?

O que é que são bento tem?

Em? Em?

O que é que são bento tem?

Coro2- tem birimba, birimbau,

Tem cabaça, coisa e tal,

Temviola, atabaque,

Samba duro em toda parte.

Tem careta capa-bode,

Fonte, mato e chicote,

Cantoria, pescador,

Festa, farra e muito amor...

O duelo é interrompido pela terra que começa tremer... É o fim do mundo, todos se desesperam, começam arrancar as roupas enquanto falam. Embaixo estarão com um macacão verde.

Pessoa 1- o que é isso?

Pessoa 2- não sei...a terra ta tremendo!

Pessoa 3- eu to com medo!

Pessoa 4-eu também!

Pessoa 5- ai meu deus!

Pessoa 6- seu Paulo, morador do Drena I, disse que ele ficou sabendo que o mundo ia acabar a meia noite.

Pessoa 7- meia noite de qual dia?

Pesoa 6- não sei. Essa parte ele não contou...

Pessoa 5- ai meu deus!

Pessoa-8-e será que é verdade?

Pessoa 9- eu também escuto isso desde quando eu nasci.

Pessoa 10- se for verdade mesmo, ele ta acabando agora!

Pessoa 5- ai meu deus!

Pessoa 11 e 12- Dona Filó que também mora no drena I falou que teve um dia que dia virou noite. Ela também te contou?

Pessoa 1- isso foi o eclipse solar.

Pessoa13- mas dona Zumara, dona Balbina, seu Agenor, seu Alexandre...

Todos- fala logo!

Pessoa 13- falou que a noite virou dia!

Pessoa 2- isso foi o eclipse lunar.

Pessoa 14- dona Ester moradora da rua da jaqueira, falou que o mundo ia acabar em 2000, só não sabia em 2000 e quanto...

Pessoa 15- será que é em 2014?

Pessoa 5- eu não quero morrer!

CENA IV

Todos caem no chão, e se inicia uma projeção de audio de 3 a 5 minutos, onde pessoas da comunidade estarão falando um pouco de são bento... ao terminar a projeção todos levantam-se cantando e formando assim uma cobra. Um seguido do outro fazendo voltas em vários sentidos no palco.

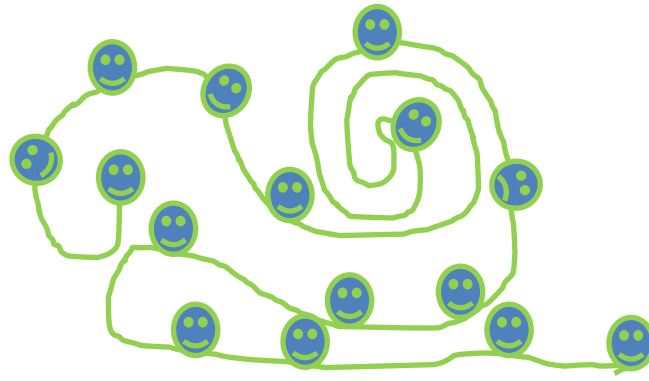
Olha a cobra CHAPANÃ valei-me São Bento

Olha a cobra CHAPANÃ valei-me Sao Bento

Essa cobra pica, essa cobra tem veneno

Ela é a cobra CHAPANÃ

Velei-me São Bento!



Fim

São Bento,
Buraco Velho
tem cobra dentro
com Natalyne Santos

ONDE?
Escola As três Marias.
(São Bento das lages)

QUANDO?
Sábados das 16h às 18h e
domingos das 14h às 16h.

Vozes no palco
Início 20 de setembro

Figura 22: Cartaz da oficina de teatro como atividade de estágio



Figura 23: A turma do barulho no intervalo dos ensaio: Jenifer, Alessi, Lizia, Mariana, Yasmin e Janaina



Figura 24: Eles vibrando com os ingressos do espetáculo no Teatro Castro Alves.



Figura 25: Visita ao Teatro Castro Alves, para assistir ao espetáculo da Fundação de Dança da Bahia.



Figura 26: Último dia do Cinedadania na ponte.



Figura 27: Os atores e atrizes nos bastidores do Teatro Martin Gonçalves



Figura 28: Bloco de São Bento As Piruas no carnaval de 2014



Figura 29: O grupo As Piruas que acompanhavam os Unidos de São Bento no Carnaval da década de 70.



Figura 30: Ensaio geral com todos os integrantes



Figura 31: Ensaio na casa do vizinho



Figura 32: Ensaio com foco na interpretação de texto



Figura 33: Festa do dia das crianças organizada por Dona Sinha e colaboradores, em 2014.



Figura 34: Leitura dramática para afinar a interpretação



Figura 35: Contação de história com Toni Edson na ponte